

A Vela Adaptada no Clube Naval do Funchal

RELATÓRIO DE MESTRADO

António Jorge Torres Cunha

MESTRADO EM ATIVIDADE FÍSICA E DESPORTO



UNIVERSIDADE da MADEIRA

A Nossa Universidade

www.uma.pt

novembro | 2013

UMa

Vel

T/M Ulla
796
CUN vel
Ex. 1

A Vela Adaptada no Clube Naval do Funchal

RELATÓRIO DE MESTRADO

António Jorge Torres Cunha

MESTRADO EM ATIVIDADE FÍSICA E DESPORTO

UNIVERSIDADE DA MADEIRA
SECTOR DE DOCUMENTAÇÃO
E ARQUIVO

ORIENTAÇÃO

João Filipe Pereira Nunes Prudente



CENTRO DE COMPETÊNCIAS DE CIÊNCIAS SOCIAIS
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA E DESPORTO

A Vela Adaptada no Clube Naval do Funchal

António Jorge Torres Cunha
Novembro de 2013



CENTRO DE COMPETÊNCIAS DE CIÊNCIAS SOCIAIS
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA E DESPORTO

A Vela Adaptada no Clube Naval do Funchal

Relatório apresentado com vista à obtenção do grau de Mestre em Atividade Física e Desporto

António Jorge Torres Cunha
Orientador: Professor Doutor João Filipe Pereira Nunes
Prudente

Agradecimentos

Este desafio a que me propus não é fruto de apenas a minha experiência pessoal ou coletiva neste âmbito, pois foi um trabalho feito por etapas, ao longo dos últimos quinze anos, razão pela qual não posso deixar de agradecer a inúmeras pessoas que comigo mantiveram acesa esta vontade de fazer algo de diferente.

Em primeiro lugar, quero agradecer sentidamente, o apoio, a orientação e a disponibilidade sempre presente, do Professor Doutor João Filipe Pereira Nunes Prudente que, desde o primeiro momento, de forma sempre positiva, me ajudou a trilhar este projeto, o qual espero concluir dentro das expectativas de ambos.

Mais, ao Clube Naval do Funchal, nas pessoas dos seus Presidentes José Manuel Ramos, Jorge Miguel Freitas Dias, Rodrigo Jones Cardoso e Teresa Mafalda Gonçalves Jardim de Freitas e demais colegas dos órgãos sociais do CNF, que sempre acarinharam esta modalidade e o meu trabalho, bem como os funcionários e colaboradores da instituição.

Quero ainda agradecer, de forma muito sentida, a ajuda que sempre tive dos meus colegas e amigos, Emanuel Silva, Hugo Rosa e Pedro Correia, técnicos que no CNF, sempre se mostraram motivados, e contribuíram a trilhar o percurso que conduziu ao estado da vela adaptada hoje na Madeira, especificamente no CNF.

Finalmente, quero agradecer à minha família a quem gostaria de dedicar este trabalho pelo apoio sempre presente.

Resumo

O presente documento é um relatório da atividade profissional realizada no Clube Naval do Funchal (CNF) e insere-se no âmbito do mestrado em Atividade Física e Desporto, realizado enquanto aluno da Universidade da Madeira, focado sobre o desempenho, ações, funções e demais iniciativas levadas a cabo nos últimos cinco anos no CNF, tendo como tema principal a “Vela Adaptada” (VA) no CNF.

Esta análise e reflexão crítica ao trabalho desenvolvido serão suportadas através das experiências e vivências próprias.

A vela adaptada é um desporto recente na cena nacional e regional. Nos dias de hoje, a responsabilidade humana e social de cada um de nós determina que tenhamos o dever ético e moral de criar condições de inclusão às pessoas portadoras de deficiência, possibilitando e facilitando a superação de barreiras sociais que estão enraizadas em todos nós, bem como ajudando à mitigação dos constrangimentos no seu dia a dia. Por essa via, melhoramos a sua qualidade de vida e conferimos-lhes maior autonomia, sendo a atividade física adaptada uma das formas possíveis. Este desporto adaptado tem crescido nos últimos anos, fruto do surgimento de meios tecnológicos apropriados, digam-se embarcações que oferecem todas as garantias de sucesso no ensino-aprendizagem desta variante da vela. Desta forma, a inclusão social e o desenvolvimento da vela adaptada oferecem e possibilitam a realização de atividades físicas de forma mais corrente, normal e, acima de tudo, segura.

Este trabalho é um exemplo do papel social e inclusivo feito através da implementação de um desporto náutico, neste caso da vela adaptada, como forma de minimizar as assimetrias existentes neste âmbito social.

Palavras Chave: Desporto adaptado, atividade física adaptada, vela adaptada, inclusão social.

Summary

The present work, accomplished as a master degree student on Physical Activity and Sport (University of Madeira), is a report of the professional activity carried out in Clube Naval Funchal (CNF). It is focused on the performance, actions, functions and all the initiatives led by CNF in the last five years, and its main subject is the Adapted Sailing in CNF. The analysis and critical reflection reported will be based on living experiences. The adapted sailing is a recent national and regional sport. Nowadays, the human and social responsibility lead us to have the moral and ethical duty to create conditions towards the integration of disabled people, enabling them and making it easier to overcome social barriers, as well as helping them to surpass their daily constraints. The adapted activity is one of the possible forms of improving life quality and autonomy of disabled people.

Disabled sailing has grown in recent years, as a result of the development of the technological facilities and vessels, which offer all the guarantees of success in the process of teaching and learning it.

Therefore, social inclusion and the development of the adapted sailing offer, and above all, make the accomplishment of more and safer physical activities possible.

This report is an example of the social role done through the implementation of a nautical sport as a way to minimize the asymmetries in this social context.

Key-words: Adapted Sport; Adapted physical activity; Disabled sailing; Social inclusion

Résumé

Ce document est un compte-rendu de l'activité professionnelle réalisée au *Clube Naval do Funchal* (CNF) et est une pièce requise par la maîtrise Activité Physique et Sport de l'Université de Madère. Il se penche sur son déroulement, tout comme sur les actions, les fonctions et bien d'autres initiatives concrétisées au cours de ces cinq dernières années au CNF. Il a pour thème/ titre principal la *Voile Adaptée (VA) au sein du CNF*. C'est une analyse, accompagnée, simultanément, d'une réflexion critique, du travail effectué. Elle se fondera, essentiellement, sur les expériences vécues.

La voile adaptée est un sport récent, aussi bien sur le plan national que régional. Actuellement, dans les jours qui courent, la responsabilité humaine et sociale de chaque un de nous, fait en sorte que nous ayons le devoir, éthique et moral, de créer les conditions indispensables à l'inclusion des personnes handicapées, quel que soit leur handicap, en leur rendant plus faciles certaines tâches et en leur donnant la possibilité de dépasser les obstacles sociaux qui sont bien enracinés en nous tous. Il convient, également, de les aider à dépasser les contraintes qui surgissent au quotidien, en améliorant leurs qualités de vie et en leur donnant une grande autonomie. L'activité physique adaptée est un, entre autres, moyen efficace pour atteindre ce but. Ce sport adapté s'est énormément développé ces dernières années. C'est le fruit de nouvelles technologies appropriées, du moins au niveau des bateaux, qui offrent toutes les garanties de succès pour l'enseignement et l'apprentissage de cette variante de la voile. Ainsi, l'inclusion sociale et le développement de la voile adaptée, de biais, permettent que les activités physiques se fassent de façon plus courante, normale et, surtout, en toute sécurité.

Ce travail accompli, et décrit dans le compte-rendu, est un petit exemple du rôle social que nous pouvons jouer. Il est aussi l'exemple de l'inclusion que permet le sport

nautique, particulièrement la voile adaptée, comme moyen de minimiser, et même d'effacer, les asymétries existantes au niveau social.

Mots-clés : Sport, activité physique adaptée, voile adaptée, inclusion sociale

Resumen

Este documento se refiere al informe sobre la actividad profesional realizada en Clube Naval do Funchal (CNF) y se realiza en el ámbito del Máster en Actividad Física y Deporte, realizado por el alumno de la Universidad da Madera, centrado sobre el desarrollo de acciones, funciones y demás iniciativas al cabo de los últimos 5 años en el CNF, y tiene como tema principal la modalidad de Vela Adaptada (VA) en CNF.

El análisis y reflexión crítica al trabajo desarrollado, es justificada por experiencias y vivencias ocurridas.

La vela adaptada es un deporte reciente en el ámbito nacional y regional. Hoy en día la responsabilidad humana y social de cada uno de nosotros, hace con que encontremos el deber ético y moral, en crear las condiciones para la inclusión de las personas portadoras de deficiencia, posibilitando y facilitando el superar de barreras sociales que están enraizadas en todos, así como nos lleva a ayudar a superar los constreñimientos que surgen en el día a día de estas personas, mejorando su calidad de vida y les proporcionando más autonomía, siendo la actividad física adaptada una de las formas posibles. Este deporte adaptado viene a crecer en los últimos años, fruto del apareamiento de los medios tecnológicos apropiados, o sea las embarcaciones, que ofrecen todas las garantías de éxito en la enseñanza y aprendizaje de esta variante de la vela. Así, la inclusión social y el desarrollo de la vela adaptada ofrecen y posibilitan la realización de actividades físicas de forma más diaria, normal y antes que todo segura.

Este trabajo, es un pequeño ejemplo del papel social e inclusivo hecho a través del implemento de un deporte náutico, ya mencionado, la vela adaptada, como forma de minimizar las asimetrías existentes en este ámbito social.

Palabras Llave: Deporte adaptado, actividad física adaptada, vela adaptada, inclusión social.

Índice

Agradecimentos	III
Resumo	IV
Summary	V
Résumé	VI
Resumen	VIII
Índice Geral	IX
Índice de Figuras	XI
Índice de Quadros	XII
1 - Introdução	1
1.2 - Percurso Biográfico	4
2 - O Clube Naval do Funchal	8
2.1 - Objetivos e Organização do Clube Naval do Funchal	10
2.1.1 - Objetivos	10
2.1.2 - Organização	11
3 - Caraterização do Meio	19
3.1 - Caraterização da Vela em Geral	19
4 - Caraterização da Vela como Desporto	21
5 - O que são as competições de Vela	23
6 - A Vela em Portugal	28
7 - O Desporto Adaptado	30
8 - A Vela Adaptada	33
8.1 - O que é a Vela Adaptada (V.A.)?	33
8.2 - Quais os objetivos da V. A. no CNF?	33
8.3 - Quais os barcos adotados/utilizados na V.A?	33

8.4 - Características técnica das embarcações	34
9 - Atividades Desenvolvidas	36
9.1 -Objetivos do Planeamento Anual	36
9.2 - Objetivos a nível administrativo	37
9.3 - Metodologia adotada	37
10 - Recursos disponíveis	38
11 - Plano de Atividades e tipo de participação - Período de 2008 a 2013	39
11.1 - Ano 2008	39
11.2 - Ano 2009	41
11.3 - Ano 2010	46
11.4 - Ano 2011	51
11.5 - Ano 2012	57
12 - As Atividades – Da Organização à Operacionalização	62
13 - Reflexão sobre Atividade Desenvolvida	65
14 - Considerações Finais	76
15 - Bibliografia	78

Índice de Figuras

Figura 1	11
Figura 2	14
Figura 3	16
Figura 4	17
Figura 5	24
Figura 6	25
Figura 7	34
Figura 8	34
Figura 9	69

Índice de Quadros

Quadro 1	22
Quadro 2	34
Quadro 3	64

1 - Introdução

Estando a desempenhar funções no Clube Naval do Funchal (CNF) há duas décadas, este clube está intimamente ligado às minhas motivações, sendo que, ao longo deste período, as motivações e comportamentos sociais se foram alterando, abrindo novos horizontes e perspetivas do nosso papel enquanto agentes de formação para a vida de jovens e menos jovens.

O desporto adaptado surge com uma consciencialização de que o nosso papel não se pode esgotar no mero formalismo, ou seja, nas atividades mais comumente conhecidas e praticadas. Há que saber extravasar novas ideias e projetos, pois cada um de nós tem características e comportamentos diferentes, facto pelo qual tomamos consciência de que, por vezes, marginalizamos o que deveríamos incluir. É importante lembrar que cada pessoa é um indivíduo com personalidade, com necessidades e com características diversas, muitas vezes com diferentes causas e acompanhamento.

Nos dias de hoje, a inclusão social é cada vez mais comum; no entanto, ainda persiste uma série enorme de obstáculos, que bloqueia, de forma efectiva, esse trabalho, quer no âmbito desportivo quer nos mais diferentes aspetos sociais.

No CNF, procurou-se, de forma sustentada e cautelosa, criar condições para um projeto que não se esfumasse no tempo, mas que criasse raízes de forma a servir de exemplo e de modelo ao desenvolvimento futuro, não só da modalidade no clube, mas também numa perspetiva de utilidade social e pública.

A vela adaptada (VA) dá os seus primeiros passos, no CNF, ainda no século XX, mais precisamente nos finais do ano de 1999, através do treinador Emanuel Silva, do CNF, que trouxe até ao posto náutico do clube, em São Lázaro, alguns alunos dos Serviços Técnicos de Deficiência Motora da Direção Regional de Educação Especial e Reabilitação (DREER).

Nessa altura, os jovens familiarizaram-se com o meio náutico, ou seja, com o meio aquático e com a vela adaptada, de forma pontual e esporádica, em embarcações escola denominadas Raquero. Estas pequenas experiências foram aumentando até que, em 2003, a vinda de alunos passou a efectuar-se de forma regular e sistemática, utilizando tanto as embarcações Raquero como as outras embarcações das diferentes classes de vela que o clube fomentava e promovia.

Com a vivência semanal acrescida deste grupo de utentes, o clube preocupou-se em dotar-se de meios, para que a inclusão destes jovens na vela se processasse de forma mais apetecível e fácil. Em 2004, foram adquiridas as duas primeiras embarcações apropriadas para pessoas portadoras de deficiência motora, o *Access 2.3*.

Esta motivação acrescida possibilitou a aceitação formal desta modalidade em termos do seu enquadramento desportivo e, por força disso, uma perfeita inclusão deste grupo de velejadores no restante grupo náutico do clube.

O facto de esta atividade ser ainda muito recente, quer a nível regional, quer a nível nacional, e em termos de investigação, análise e bibliografia, não ter quase expressão, este trabalho vem no sentido de não só mostrar o que foi feito, mas também mostrar quer os benefícios, quer a causa da VA em si, de forma a lhe conferir maior visibilidade e servir de suporte a novos projetos. Esta necessidade intrínseca de relatar este projeto, vai mais além dos meros velejadores, pois muitas outras pessoas juntaram-se como voluntários quer em atividades regulares quer pontualmente, possibilitando uma evolução na assimilação de conhecimentos, pois, apesar de denominada vela “adaptada”, a atividade apenas necessita das embarcações *Access 2.3*, dado estas darem maiores e melhores garantias de sucesso quer na aprendizagem, quer nas técnicas inerentes ao velejar, além de maior segurança.

É nesse sentido que o presente trabalho pretende sensibilizar e divulgar a VA, bem como abrir espaço à sua reflexão, em especial o projeto da VA no CNF.

1.2 - Percurso Biográfico

A minha relação com o mar surge inerentemente pelo lado da família. Sendo filho de um marinheiro, o gosto pelo mar surge por achar o mar algo intrigante, despertando em mim curiosidades que com o tempo foram desvanecendo. Apenas com dezoito anos chego ao mar e, pelos meus próprios meios, fui desvendando e criando os meus projetos e modo de a ele estar ligado. Em 1987, com poucos conhecimentos, ajudo na formação de jovens na então Direção Regional dos Desportos, sendo que, em 1989, sou convidado para, com um jovem amigo, liderar um projeto enquanto treinador responsável do então recém criado clube Centro de Treino Mar dos Escuteiros Marítimos. Em abril de 1992, sou convidado a reativar o departamento de vela do CNF, projeto que liderei durante dezoito anos, até junho de 2010. Durante estes dezoito anos, fui treinador de inúmeros jovens, alguns dos quais se distinguiram nas suas *performances* náuticas, com participações nacionais e internacionais durante a década de noventa do século XX. Entre 1992 e 2000, fui coordenador técnico-pedagógico da escola de formação náutica de recreio do clube.

Em termos de gestão e organização, fui responsável pelas passagens e estadias das regatas internacionais *Transat AG2R* de 1994 a 2004 (seis edições - Regata para velejadores profissionais que passou na Madeira de dois em dois anos), da responsabilidade da empresa Francesa *Match Racing*, bem como da *The Clipper Round the World Yacht Race* 1996 (volta ao mundo à vela) em barcos de cruzeiro monocasco da responsabilidade de *Sir Robin Knox-Johnston* e da empresa *Clipper Ventures*.

Em 2000, 2001 e 2002, organizei os primeiros *Raid's* em Mota de Água, Funchal, Ilhas Desertas, Volta à Madeira e Funchal – Porto Santo, Volta à Ilha do Porto Santo e Porto Santo – Funchal.

Em 2000, introduzi a Vela Adaptada (para pessoas portadoras de necessidades

especiais) na Região Autónoma da Madeira (RAM). Em 2004, enquanto gestor, decidi adquirir para o CNF os primeiros barcos da classe *Access*, vindos da Austrália.

Organizei ainda em 2002 as festividades dos cinquenta anos do CNF, tendo sido responsável pelas conferências, exposições e colóquios, bem como o Campeonato de Portugal de Cruzeiros sob a égide da Federação Portuguesa de Vela, com a presença de vinte e cinco embarcações (evento realizado na Madeira e Porto Santo), além da regata Internacional do Cinquentenário com a participação de mais de quarenta embarcações (entre Lisboa e Madeira). A parte social destes eventos contou com a presença de mais de 400 pessoas.

Fiz parte da equipa do CNF que coordenou a publicação do livro dos cinquenta anos do CNF (publicado em 2004).

Gestor executivo do Clube Naval do Funchal, desde 1 de abril de 2003, sendo diretamente responsável pela estrutura física da sede social do clube à Quinta Calaça, como seja a sua gestão diária, coordenação e orientação das tarefas e objetivos programados para o espaço, e ainda gestor do posto náutico do clube em São Lázaro, local de armazenamento dos equipamentos náuticos e desenvolvimento das modalidades náuticas do clube, sendo que tinha ainda a responsabilidade da coordenação de todos os funcionários e barcos a motor, a sua gestão em termos das disponibilidades e tarefas. No que à parte desportiva diz respeito, tinha a coordenação do desporto adaptado da vela e coordenação na organização de grandes eventos desportivos náuticos.

Em julho de 2004, o clube cria um boletim mensal no *Tribuna da Madeira e Diário Cidade*, cujo objetivo era a divulgação e promoção de todo o trabalho desenvolvido pelo CNF, tendo sido até julho de 2010, o responsável pela sua preparação para edição.

Desde janeiro de 2011 e até à presente data, sou responsável coordenador pela publicação semanal “Tribuna do Naval”, no *Tribuna da Madeira*.

De 2006 a 2010, organizei a passagem na Região da Regata Internacional *Atlantic Adventure* da empresa *Ondeck*, para grandes veleiros, os denominados maxi iates de vela de cruzeiro.

Nos últimos cinco anos, as minhas responsabilidades e funções modificaram-se e foram-se adaptando às novas necessidades e projetos que as direções do clube foram implementando.

Entre 2007 e 2010, tinha como funções a responsabilidade de gestão das instalações náuticas e sociais do clube, sendo ainda o responsável direto pelas atividades náuticas da vela do clube e da organização de eventos em geral de toda a instituição. No âmbito do desporto adaptado, coordenava a vela, tendo criado projetos e iniciativas de fomento e promoção, bem como incentivado a participação formal e regular em provas regionais e nacionais. Com a minha saída da direção do clube em junho de 2010, passei a gestor executivo e a responsável coordenador do desporto adaptado, em especial do náutico. Durante este período foram criadas sinergias de modo a aglutinar mais e melhores meios, bem como dar maior visibilidade a estas atividades.

No entanto, a minha ligação ao desporto remonta à minha juventude, quer como desportista quer como treinador, tendo iniciado com a natação no Clube Desportivo Nacional dos oito aos dez anos e durante dezassete anos, no Andebol, do Académico Clube Desportivo de Fátima, no Funchal, durante dezasseis anos, e um ano no Clube Sport Marítimo. Durante este logo período, enquanto praticante, fiz a minha formação em várias áreas da atividade física, como treinador de Andebol nível IV, Monitor de Vela da Federação Portuguesa de Vela (FPV) em 1992 e de Grau III em 1996, Animador Internacional de Desporto para Todos Nível A, também em 1996, e ainda, durante a década de 90 do século XX, fui Diretor Técnico Regional de Vela da Madeira, contratado pela FPV, fui também treinador de Vela do CNF, de 1994 a 2000, nas classes Optimist e Europe, tendo ainda representado, a Região e Portugal a nível internacional nos Jogos Sem Fronteiras entre 1988 e 1991, tendo sido

1.2 – Percurso Biográfico

nesse último ano treinador da equipa da Madeira, tendo-me licenciado em Educação Física e Desporto, via Ensino, na Universidade da Madeira, em 1994.

2 - O Clube Naval do Funchal

Conforme consultado na página eletrónica oficial do Clube Naval do Funchal, a mesma refere que o clube *"é uma instituição sem fins lucrativos, de Utilidade Pública desde outubro de 1980 e Medalha de Ouro de Mérito Turístico desde setembro de 2012, tendo sido fundado por escritura pública em 1 de maio de 1952"*.

A sua história contada por Catanho Fernandes e Vitor Caíres, no livro *50 Anos de Historia do CNF – 1952 / 2002 (2004)*, refere que a fundação do CNF se fez a partir de um conjunto de amantes das lides náuticas, na época se auto intitulava “Malta da Vela” que, no início da década de 50 do século XX, quiseram organizar e fomentar a prática da vela em particular e dos desportos náuticos em geral. A atividade do CNF começou na Capitania do Porto do Funchal com a primeira sede provisória, mas, não satisfeitos, o grupo de jovens associados iniciou a construção de um posto náutico em São Lázaro, junto à foz da ribeira, que se compunha, por um barracão e um pequeno cais suportados por pontões de madeira.

Porque só da atividade desportiva não vivia o clube nessa época, arrendaram para sede a Quinta Calaça, a cerca de dois quilómetros a oeste de São Lázaro, numa baía que deu nome à Quinta, tendo aí construído acessos ao mar e uma pequena piscina de maré.

Os serviços, provisórios, da secretaria do clube, após a fase da comissão instaladora, transitaram para o escritório da Empresa Baleeira da Madeira, na Avenida do Mar (ao lado da Capitania do Porto do Funchal) tendo mudado, finalmente, para as instalações do naval, na Quinta Calaça, e, posteriormente, para o Posto Náutico de S. Lázaro, zona onde permaneceu até novembro de 2000, tendo-se deslocado novamente os serviços administrativos, com a remodelação da sede à Quinta Calaça em 1999 e com a inauguração do Complexo Desportivo de Piscinas da Nazaré em 1997, para estes novos polos dinamizadores.

Entretanto, uma das primeiras iniciativas do Naval foi a formação do pessoal adepto das lides náuticas. Avançaram os cursos amadores de principiantes, marinheiros e patrões de costa e, um ano após a sua fundação, o CNF já possuía vários associados habilitados a comandarem embarcações de recreio “dentro dos limites do Arquipélago da Madeira”. Porém, pode dizer-se que foi a realização da I Regata Oceânica Lisboa – Madeira, realizada em julho de 1950, o motivo principal para o surgimento, em maio de 1952, do CNF. Nos anos cinquenta, logo a seguir à Guerra, aumentou o rumo ao mar entre os desportistas madeirenses. Havia a natação nas piscinas públicas do Lido e pontualmente no mar da Barreirinha, já com espírito competitivo e os jogos de Polo Aquático, além das travessias Cais do Funchal – Lazareto e outras dentro do molhe da pontinha (leia-se porto do Funchal), tudo isto foi o grande incentivo e motivação da “Malta da Vela”, que depois veio a ser conhecida pela “Malta do Calhau”, à criação do CNF.

2.1 - Objetivos e Organização do CNF

2.1.1 - Objetivos

O CNF tem como objeto social o fomento e a prática direta de atividades desportivas, essencialmente de natureza náutica, bem como a promoção e satisfação cultural, social, ambiental, recreativa e de mero lazer dos seus associados, tendo ainda como fins específicos, o fomento e a prática de atividades desportivas de recreação e rendimento, em moldes profissionais ou não profissionais e integradas ou não em quadros competitivos, nas modalidades de natação, canoagem, judo, vela, remo, motonáutica, ginástica, karaté, pesca, mergulho, surf e outras que os seus sócios decidam implementar.

O CNF organiza ainda escolas de formação, tendo em vista a obtenção de cartas náuticas; realiza também conferências e ações de formação sobre as temáticas do desporto, turismo e ambiente. Faz igualmente parte do objeto do CNF a organização de eventos de natureza social, cultural e recreativa, em especial, festas e reuniões dirigidas a sócios e respetivos familiares, podendo ainda explorar jogos de fortuna ou de azar legalmente autorizados e promover atividades, de natureza comercial e financeira, nos estritos limites dos contratos e da lei, destinando-se as respetivas receitas à prossecução do seu objeto e fins. O CNF pode ainda e de acordo com a lei participar ou promover a constituição de sociedades comerciais e desportivas, podendo ainda fazê-lo em delegações, sendo que são interditas atividades de carácter político e religioso, titulando ainda os seus direitos de imagem nos termos da lei.

2.1.2 - Organização

Em termos organizativos, o clube é regido por estatutos e um regulamento interno, sendo que são órgãos sociais do clube a Assembleia-geral, a Direção e o Conselho Fiscal.

ORGANIGRAMA INSTITUCIONAL

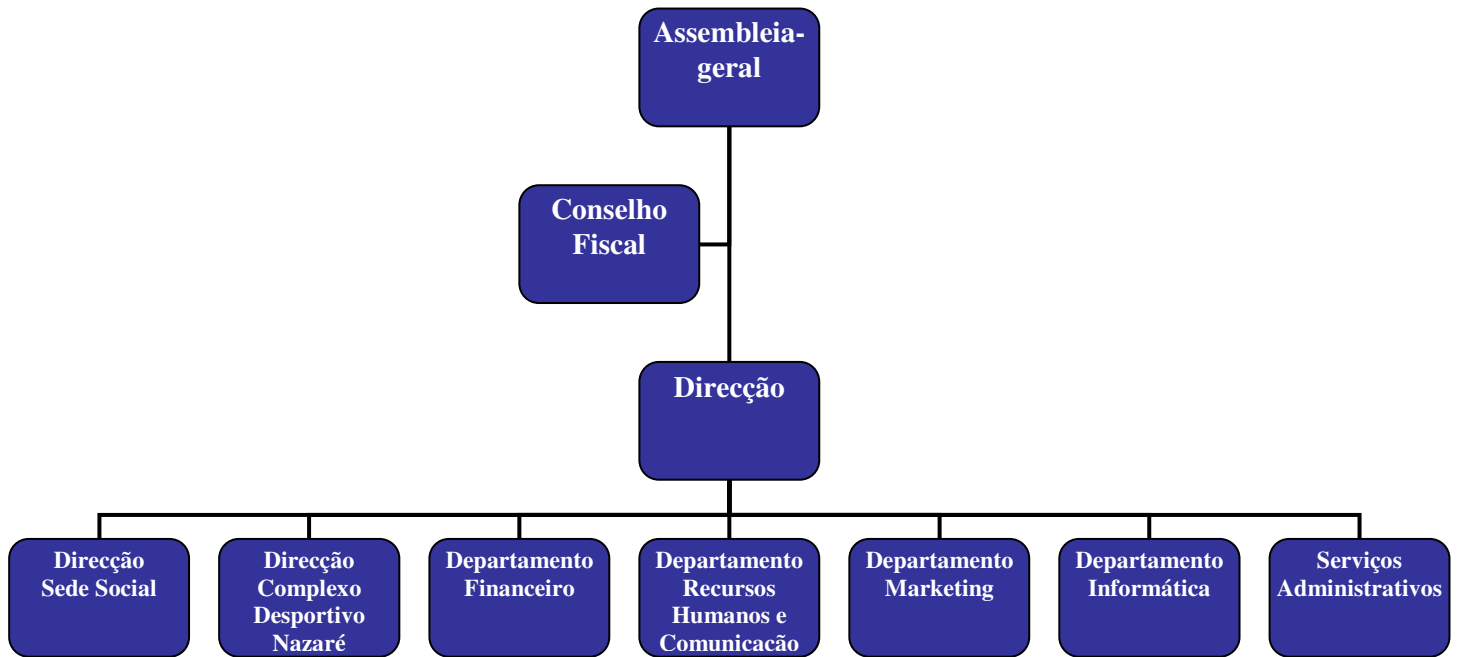


Figura 1 – Organigrama geral do Clube Naval do Funchal

A Assembleia-Geral é o órgão deliberativo soberano do CNF, sendo constituída pelos sócios efetivos com mais de seis meses de filiação e que estejam em pleno gozo dos seus direitos. A Assembleia-Geral (AG) é o órgão soberano do clube respondendo perante ela a Direção cuja atividade de gerência social, administrativa, financeira e disciplinar está sujeita à fiscalização do Conselho Fiscal. Compete à Assembleia-Geral tomar as deliberações não compreendidas nas atribuições legais ou estatutárias de outros órgãos sociais do clube. São, necessariamente, da competência da AG, a destituição dos titulares dos órgãos do clube, a aprovação do balanço e das contas de exercício, a alteração dos estatutos, a extinção do clube e a autorização para este demandar os

2.1 – Objetivos e Organização do CNF

administradores (dirigentes) por factos praticados no exercício do cargo. A AG é representada e dirigida por uma Mesa, constituída por um presidente, um vice-presidente, um secretário e dois vogais suplentes.

A Direção é o órgão colegial de gestão, administração e representação do CNF, sendo composta por um número ímpar de membros, que integra os seguintes cargos: Presidente, Vice-Presidente, Diretor para o património, Comodoro e Vice Comodoro, Tesoureiro e dois vogais. A direção nomeia e define as competências dos coordenadores das modalidades desportivas, e sem prejuízo da lei, as funções inerentes aos cargos dos membros da direção e dos coordenadores que constem do regulamento.

Em termos de competências, cabe à direção praticar todos os atos de gestão e administração do CNF.

Em termos desportivos, compete à Comissão Desportiva, órgão coadjuvante da direção, o domínio do planeamento, organização, fomento e desenvolvimento das atividades dos departamentos desportivos, promovidos e praticados pelo CNF. A comissão desportiva é composta pelo Comodoro na qualidade de presidente e Vice-Comodoro e os coordenadores das modalidades desportivas, assumindo termos e competências próprias regulamentadas.

O Conselho Fiscal é o órgão de fiscalização de toda atividade associativa de natureza administrativa e financeira; é composto por um presidente, um vice-presidente, um secretário e dois suplentes (podendo um dos membros ser revisor oficial de contas). O presidente deve possuir, sempre que possível, licenciatura em economia ou gestão ou grau académico equiparado. Os restantes membros devem possuir reconhecida competência na matéria.

Finalmente, quanto ao regime Jurídico e Disciplinar, os sócios e os agentes desportivos não profissionais do CNF, estão sujeitos ao poder disciplinar do clube, nos termos da

lei, estatuto e regulamentos. O regime jurídico disciplinar dos agentes desportivos profissionais e dos demais trabalhadores vinculados ao clube por contratos de trabalho é o constante da legislação laboral especial e geral em vigor. O regime jurídico das infrações disciplinares é definido por regulamento.

Em termos das atividades fomentadas e desenvolvidas, o CNF foi acompanhando, ao longo da sua história, o desenvolvimento e as vontades dos seus associados, tendo sempre por base a realização de atividades relacionadas com o meio aquático. O ecletismo do clube quer em termos das treze modalidades que fomenta, quer do tipo de atividades demonstra a versatilidade e dinâmica dos seus associados e dirigentes, o que se traduz num crescendo desenvolvimento de iniciativas.

Sendo um clube com mais de seis mil associados e com mais de um milhão de utentes não-sócios, a operacionalização da atividade diária da instituição obriga a um contingente elevado de funcionários (46) e prestadores de serviços que, face à época do ano, oscila entre os sessenta a setenta, totalizando cem a cento e dez colaboradores, distribuídos pelos quatro polos de atividade de que o clube é proprietário e uma concessão que abaixo refiro:

- Sede social, zona balnear por excelência e de convívio, que inclui vários serviços, como sauna, banho turco, squash, campo de futebol, parque infantil, um centro de mergulho certificado, que em época balnear, tem um contingente de dezasseis colaboradores num horário diário de dezoito horas;
- Complexo Desportivo da Nazaré - inclui duas piscinas (uma de vinte e cinco metros e outra de vinte metros) um polidesportivo e um Health Club, contando com mais de seis dezenas de colaboradores, aberto quinze por dia, exceto aos fins de semana que abre onze horas por dia;

2.1 – Objetivos e Organização do CNF

- Ginásio do Judo, espaço exclusivo a esta modalidade, que inclui um Dojo e uma sala de musculação e conta com nove colaboradores, num horário diário de oito horas;
- Posto Náutico de São Lázaro, espaço dedicado às atividades náuticas, conta com um contingente de três colaboradores a tempo inteiro e mais de doze a tempo parcial, estando aberto todos os dias da semana cerca de nove horas diárias;
- Concessão da Marina do Funchal, espaço concessionado em parceria com o clube Centro de Treino Mar, apenas quanto ao seu espelho de água, com uma capacidade para cerca de duzentas embarcações.

Com um volume de negócios a rondar os dois milhões euros por ano, a gestão da instituição passa por um conjunto de procedimentos, cujos organigramas demonstram a complexidade e multidisciplinaridade de tarefas atribuídas aos colaboradores. Apesar de ter uma estrutura profissional própria, grande parte das suas atividades desportivas e sociais é, ainda nos dias de hoje, alicerçada em mobilização amadora e graciosa, o que faz com que se mantenha a existência de uma certa mística clubística à moda de outros tempos, a chamada “carolice”.

Sendo os órgãos sociais do clube constituídos por voluntários, as responsabilidades na estrutura organizativa não lhes são alheias, pois sobre os nove elementos da direção recai a responsabilidade de determinadas funções e decisões na gestão do dia a dia, que é garantida pelos profissionais que diariamente comunicam com estes, por forma a operacionalizar os bens e serviços existentes.

Em cada polo, existe um diretor executivo responsável, cujas obrigações passam pelo aferir do bom encaminhamento dado ao plano estratégico anual e que mensalmente é tratado em reunião geral, por forma a garantir que os objetivos sejam atingidos.

Para esse efeito há que, estrategicamente e em função do plano anual de atividades aprovado em Assembleia-Geral, ir trabalhando, preparando cada etapa de cada objetivo, bem como resolver todas as situações que se vão deparando diariamente.

ORGANIGRAMA OPERACIONAL DA SEDE SOCIAL

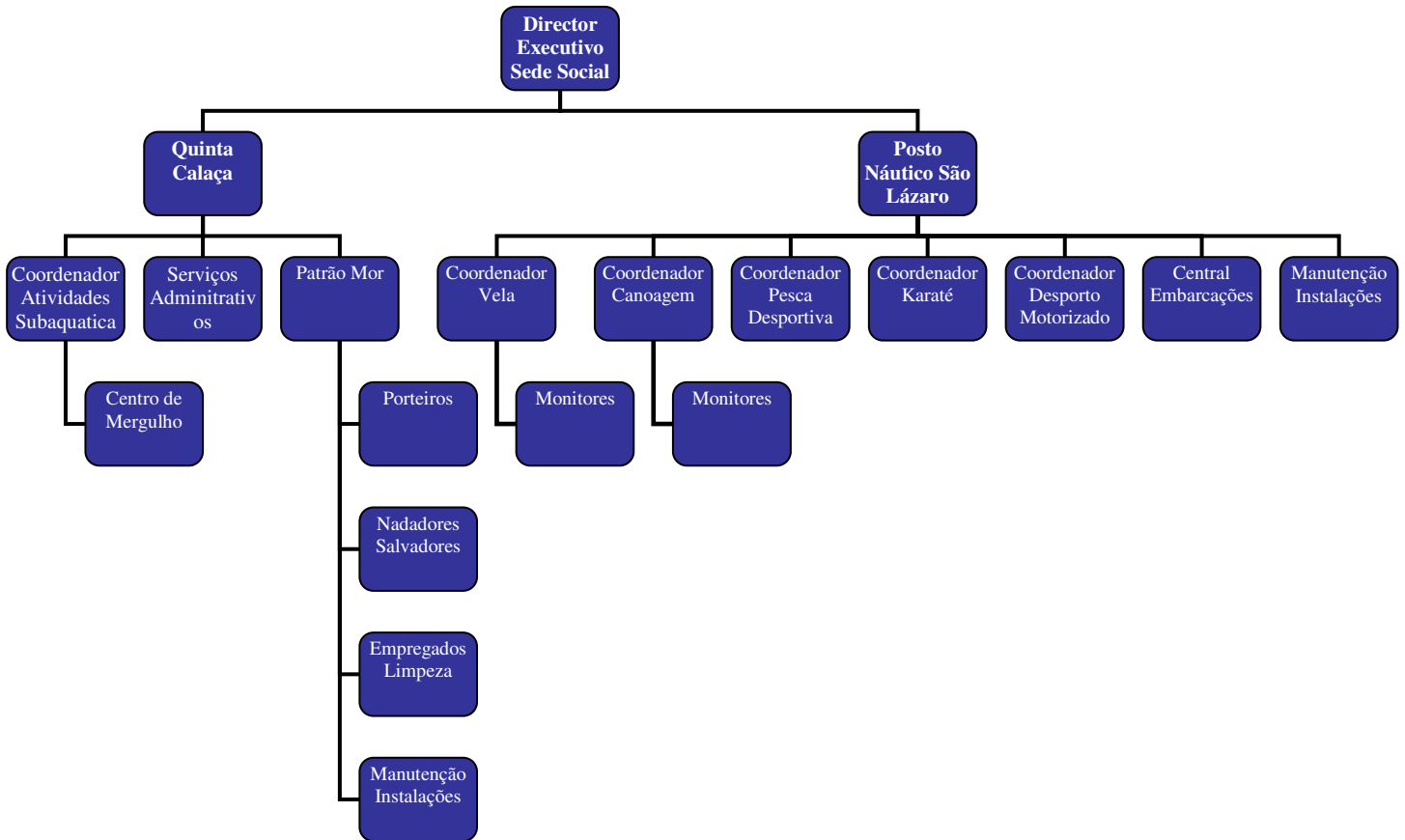


Figura 2 – Organigrama operacional da sede do CNF à Quinta Calaça

O exemplo demonstrativo das funções executivas exercidas na sede social à Quinta Calaça vai muito além das inerentes ao espaço físico e das atividades aí desenvolvidas, pois além das incumbências próprias da gestão do espaço e das questões relacionadas com a vida do clube e dos seus associados, foram centralizadas todas as relativas ao Posto Náutico e das modalidades aí implementadas, bem como as do ginásio do judo.

Das incumbências generalizadas, existe a necessidade de uma coordenação pela direção executiva, tanto dos meios humanos como materiais, pois é através dessa racionalização dos meios, que, no dia a dia, se vão gerindo as dificuldades e obstáculos que vão surgindo dentro de uma instituição desta dimensão, dando a tudo isto um cariz empresarial e muito profissional.

A título de exemplo, os funcionários e colaboradores podem em qualquer altura, por necessidade, ser transferidos para qualquer polo do CNF, bem como exercer outras tarefas que não as que executam diariamente, sabendo todos de antemão que o espírito dentro do clube tem que ter esse cariz.

ORGANIGRAMA OPERACIONAL COMPLEXO DESPORTIVO DA NAZARÉ

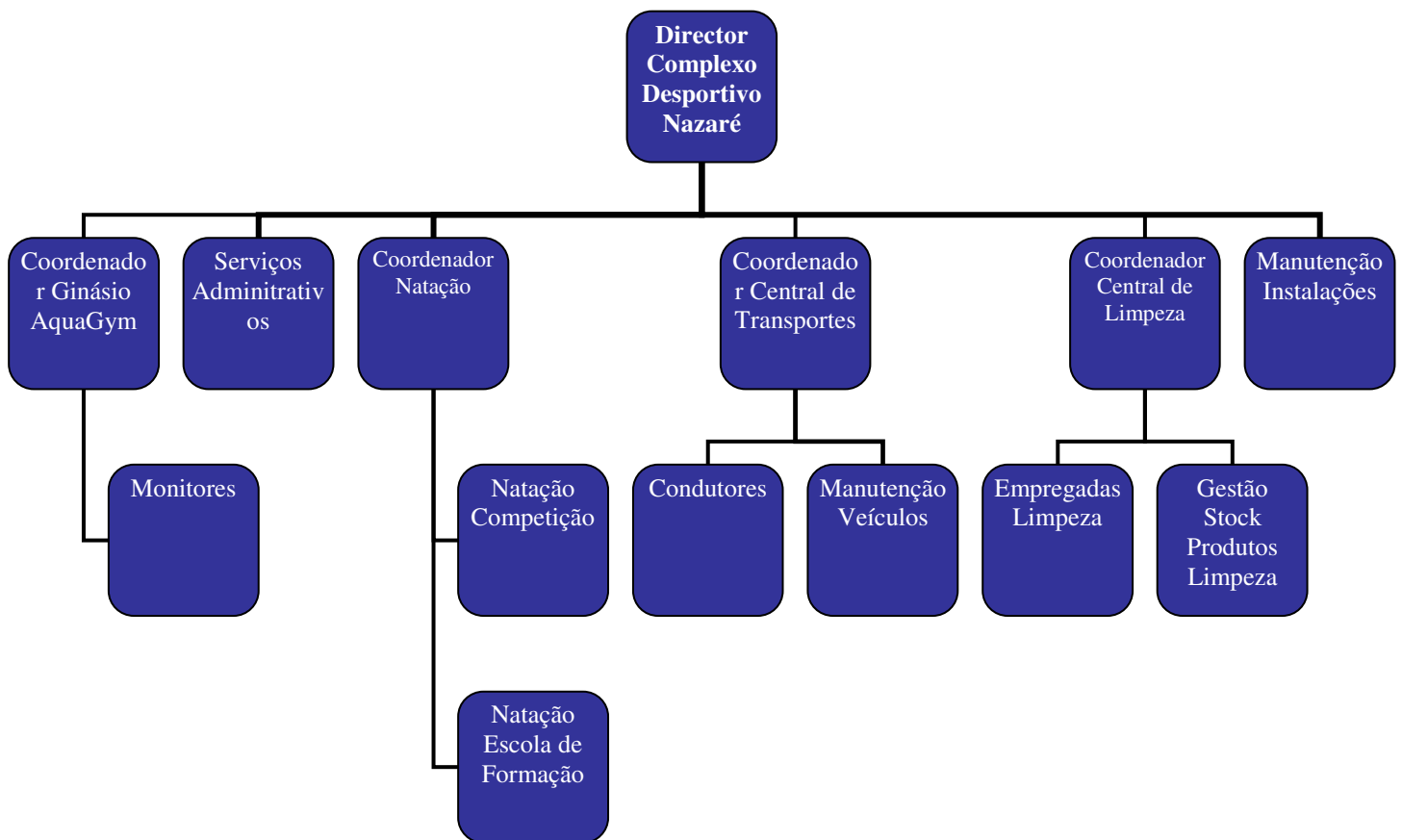


Figura 3 – Organograma operacional do Complexo Desportivo da Nazaré do CNF

Já das responsabilidades do Complexo Desportivo da Nazaré, sendo um espaço público, que gere mais de mil utentes diariamente, obriga a redobrada atenção, pois a gestão de piscinas implica um rigoroso e elevado padrão de qualidade das suas águas, o que faz com que a atenção e acompanhamento diário sejam uma constante.

No que ao *Health Club Aquagym* diz respeito, o nível de maior exigência que, cada vez mais, os utentes imprimem a quem gere estes espaços públicos, obriga-nos a uma gestão cuidada e ponderada de modo a não quebrar as expectativas e motivações que quem presta o serviço e, acima de tudo, de quem o recebe. Neste âmbito, a inovação, a criatividade e a permanente formação dos instrutores e serviços são planeadas ao pormenor, de forma a nos mantermos na vanguarda em termos regionais e atualizados em termos internacionais.

Paralelamente à gestão do espaço, há ainda que manter motivados e disciplinados nos seus deveres e obrigações, mais de cinquenta colaboradores num horário de funcionamento que começa bem cedo pela manhã e termina ao final da noite.

ORGANIGRAMA OPERACIONAL POSTO NÁUTICO SÃO LÁZARO

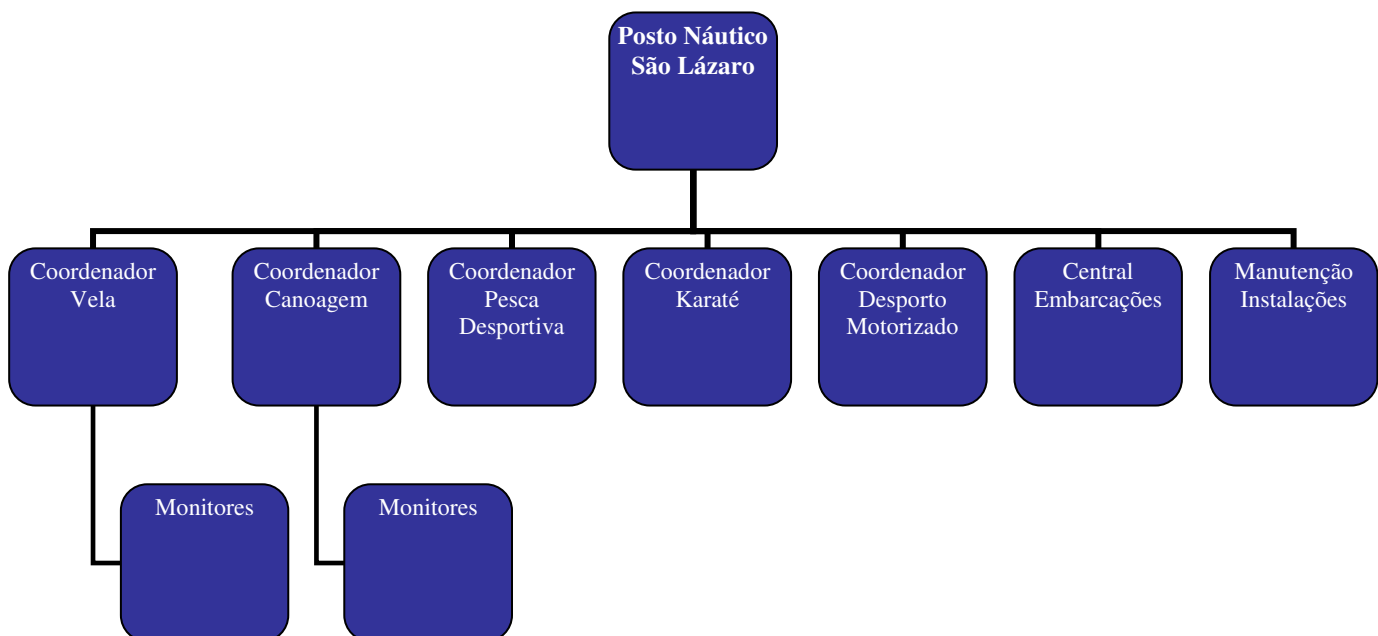


Figura 4 – Organograma operacional do Posto Náutico de São Lázaro

2.1 – Objetivos e Organização do CNF

Finalmente e no que ao posto náutico diz respeito, sendo um espaço usado diariamente pelas modalidades de canoagem, karaté e vela adaptada, e, aos fins de semana, pela vela ligeira, canoagem, jet-ski e associados do clube, a menor complexidade de tarefas, contrasta com os dias de realização de eventos náuticos, que constituem momentos de maior azáfama e atenção face ao público-alvo ser eminentemente infanto-juvenil.

3 - Caraterização do Meio

3.1 - Caraterização da vela em geral

A história da vela e o surgimento de embarcações à vela conta-se segundo Urban (2007) na publicação *1000 Barcos* e em artigo de Mattos (2006), intitulado “Esporte à Vela e a Educação Física”, com vários argumentos.

Segundo narram, vários povos da antiguidade ficaram na história pelos feitos que realizaram no mar. Os Fenícios eram grandes marinheiros e comerciantes que há cerca de três mil anos percorriam a costa do Mediterrâneo com os seus navios mercantes. Os Vikings por seu lado fizeram pilhagens frequentes por todo o Norte da Europa, a bordo dos seus barcos de guerra.

O transporte de pessoas e bens, por água, ganhou dimensão com o surgimento dos barcos à vela e alastrou-se na civilização ocidental. Por volta de 2.500 A.C., barcos egípcios estabeleceram o comércio entre a foz do Nilo e a Terra de Canã, enquanto a civilização Suméria navegava entre os rios Eufrates e Tigre, saindo do Golfo Pérsico e estabelecendo comércio com a Índia.

A substituição dos remos das galés por um mastro e uma vela quadrada, aproveitando os ventos para locomoção, foi o que propiciou o comércio entre cidades distantes, ainda nos anos 800 A.C. Nessa época, os Fenícios estabeleciam colónias na atual Espanha e norte de África, e as galeras ou galés, inicialmente movidas a remo, ganharam a vela quadrada em um único mastro, e podiam velejar a favor do vento. Assim, a navegação no Mediterrâneo dependia da habilidade do marinheiro em reconhecer as direções do vento para a realização da travessia desejada. Nascia então a Rosa-dos-ventos.

O desenvolvimento da astronomia, da geometria esférica pelos gregos e a demonstração da esfericidade da terra por Eratóstenes possibilitaram o desenvolvimento de conceitos

de latitude e de longitude, enquanto as técnicas de orientação e navegação pela observação das estrelas já eram comuns no início da era cristã.

Conhecer o caminho dos ventos era uma habilidade imprescindível aos marinheiros, para que se realizasse com êxito a travessia. As ideias de longitude e latitude elaboradas pela astronomia e a introdução de novos conceitos geométricos, na Era Cristã, originaram a ciência da navegação, tendo as constelações como guias. As técnicas desenvolvidas nesse período foram perdidas na Idade Média, sendo recuperadas apenas na Época dos Descobrimentos.

O transporte marítimo de mercadorias e de passageiros alcançou uma grande evolução, graças aos Descobrimentos portugueses do século XV. O arranque da navegação dessa época constitui uma das principais causas do desenvolvimento da ciência e da técnica que nos nossos dias ainda não acabou. A utilização da força do vento tornou possível o deslocamento de pessoas e de mercadorias por distâncias cada vez maiores.

A Escola de Sagres em Portugal, no século XV, desenvolveu a tecnologia de construção das naus e caravelas, bem como as técnicas de marinharia e navegação, necessárias às grandes viagens de descobrimento. Como estes barcos possuíam capacidade para velejar quase perpendicularmente à direção do vento, possibilitaram enorme avanço na capacidade de navegação, mas ainda não era possível velejar contra o vento. Assim a travessia do Atlântico só foi possível com a descoberta das correntes marítimas do Atlântico Norte e do Atlântico Sul.

Os Portugueses chamaram a isso "a grande volta do mar". Vasco da Gama, na viagem em que descobriu o regresso pelo Atlântico Sul, encontrou sinais da existência de terras mais para o oeste. Dois anos depois, Cabral aportava em Porto Seguro, Brasil.

4 - Caraterização da vela como desporto

A Federação Portuguesa de Vela define o desporto da vela, como uma forma de nos deslocarmos na água, utilizando um objeto denominado de embarcação ou barco, que é impulsionado pelo vento, através de um pano a que chamamos de vela.

É um desporto náutico em que as embarcações se deslocam na água através da força do vento. As competições da vela envolvem os mais diferentes tipos de embarcações, organizadas em categorias, conhecidas como classes, em conformidade com *vela*¹.

Os primeiros barcos à vela recreativos e desportivos surgiram nos inícios do século XVII, por mão dos nobres e dos comerciantes dinamarqueses. Ainda nesse século, o rei Carlos II de Inglaterra popularizou a vela nas Ilhas Britânicas, depois de ter recebido um iate como prenda da parte do povo dinamarquês. Anos mais tarde, em 1720, foi fundada na Irlanda a primeira associação de amantes da vela, a *Cork Water Club*. Em 1815 nasceu, na Ilha de *Wight*, o *Royal Yacht Club* de Inglaterra, atualmente a mais antiga organização de vela do mundo.

Em 1851, realizou-se a primeira competição de vela de todos os tempos. Um só barco americano, o “América”, aceitou e venceu o desafio de competir contra quinze veleiros ingleses numa “corrida” à volta da Ilha de *Wight*, denominada *Hundred Guinea Cup*. Este feito ajudou bastante ao desenvolvimento da vela nos Estados Unidos. Aliás, o nome deste barco deu origem, em 1857, à hoje muito famosa “*America's Cup*” ou em português “Taça da América”, a prova mais importante do calendário internacional, que depois de ter sido dominada pelos norte-americanos é agora também feudo de australianos, neozelandeses e europeus.

¹ In Infopédia |Em linha, Porto, Porto Editora, 203-2013. (Consulta 2013-04-29), disponível na [www:<URL:http://www.infopedia.pt/\\$vela>](http://www.infopedia.pt/$vela)

Por ser um desporto antigo, a vela faz parte do calendário dos Jogos Olímpicos desde o início da era moderna destes, ou seja, desde 1896, em Atenas, embora nessa edição não tenha chegado a haver regatas por causa do mau tempo que assolou a Grécia na altura, tendo ficado assim adiada a estreia para 1900, em Paris. Na época, imperavam as embarcações gigantescas e pesadas, sendo que hoje em dia predominam as pequenas, nas quais a diferença nas regatas depende dos velejadores.

As classes em disputa nos Jogos Olímpicos foram-se alterando ao longo dos anos, com o desenvolvimento tecnológico e desportivo, sendo que em Londres 2012 as classes em competição foram:

Quadro 1 – Classes de vela olímpica no último ciclo olímpico de 2012.

Vela Olímpica	Individual		Duplo		Equipa (3)	
	Feminino	Masculino	Feminino	Masculino	Feminino	Masculino
Classes						
Neil Pryde RS:X (windsurf)	Sim	Sim	-----	-----	-----	-----
Laser Standard	-----	Sim	-----	-----	-----	-----
Laser Radial	Sim	-----	Sim	-----	-----	-----
470	-----	-----	Misto		-----	-----
Finn	Sim	-----	-----	-----	-----	-----
49er	-----	-----	-----	Sim	-----	-----
Star	-----	-----	-----	Sim	-----	-----
Elliott 6m	-----	-----	-----	-----	Sim	-----

5 - O que são as competições de Vela?

As competições de vela denominam-se de regata, que é uma prova/competição náutica de velocidade entre dois ou mais barcos (frota), sendo muitas vezes formadas por uma ou uma série de regatas.

As regatas são percursos balizados por bóias, denominamos de balizas, que delimitam o percurso a efetuar e o número de voltas ou lado (bordo da embarcação) a rondar (passar) cada baliza. Os percursos também podem ser definidos e delimitados por obstáculos naturais, como rochas, baías, ou outros obstáculos naturais ou artificiais.

Existem diferentes tipos de percursos, no entanto os mais formais que se encontram definidos são: o Barlavento/Sotavento (denominado banana), o Barlavento/Sotavento Triangular, os percursos Trapezoidal, em que uma frota de diferentes classes podem realizar o percurso em simultâneo, definindo parte do percurso para uma classe ou classes e outra parte do percurso para uma ou outras classes, o chamado percurso *Inner loop* (interior do percurso) ou *Outer loop* (exterior do percurso).

Em *As Regras de Regata à Vela – 2013-2016* da Federação Portuguesa de vela (2012) a sinalização dos trajetos é alterada de acordo com as condições climáticas do dia ou do momento (de acordo com a direção e intensidade do vento), ou seja, uma regata inicia-se sempre contra a direção do vento, sendo que a primeira baliza deverá estar do lado de barlavento (lado de onde vem o vento). Caso a direção do vento se altere com oscilações superiores a 30° a 40° de direção, as balizas são reposicionadas, ajustando o percurso à direção do vento, dependendo disso sempre das regras de cada regata, ou seja, se as mesmas preveem estas situações. Ganha cada regata quem percorrer o trajeto em menor tempo. O vencedor será aquele que no final das regatas disputadas tenha a menor soma de pontos.

Percurso Barlavento-Sotavento

Largada – 1 – 2 – 1 – 2 – Chegada

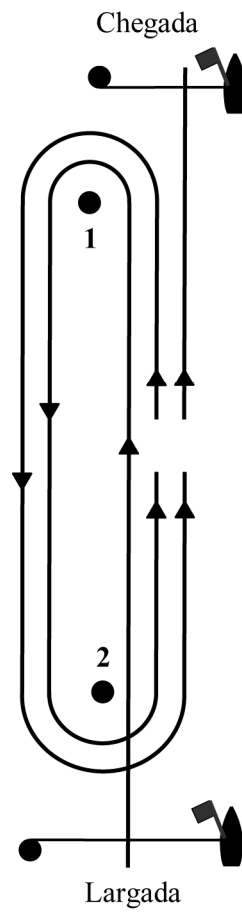


Figura 5 – Percorso Barlavento – Sotavento

Percursos Trapezoidais

Largada – 1 – 2 – 3 – 2 – 3 – Chegada

Largada 1 – 4 – 1 – 2 – 3 – Chegada

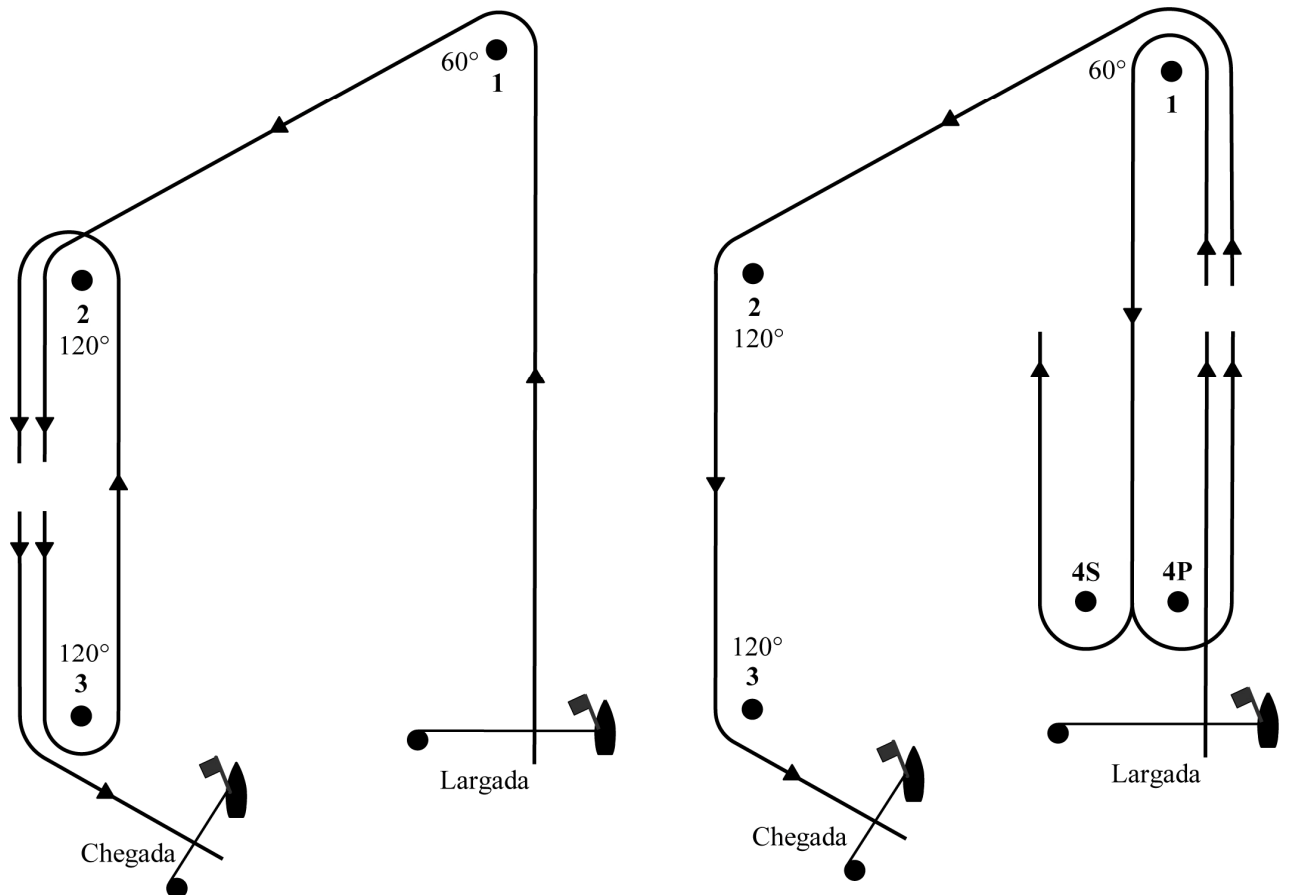


Figura 6 – Percursos trapezoides Inner e Outer loop

As competições em barcos de vela ligeira fazem-se em função das regras que cada classe tem para as suas embarcações, as chamadas regras de classe; no entanto, as entidades organizadoras de regatas oficiais têm que cumprir as regras de regata à vela da Federação Internacional (*Internacional Sailing Association Federation - ISAF*) e em cada país as regras inerentes à sua federação de vela, conforme determinam os regulamentos.

As classificações finais apuram-se através da soma de pontos que cada barco obtém em função da sua classificação em cada regata. Um campeonato ou torneio pode ter uma ou

mais regatas, e a soma de pontos em cada regata determina a sua posição na classificação final, vencendo a competição aquele que somar o menor número de pontos ao final da série de regatas ou, em caso da classificação por tempo, aquele que obtiver o menor tempo no percurso definido.

As classes da vela variam entre si em função das características de cada barco, ou seja, as embarcações de uma mesma classe competem em função das suas características (são todas iguais), que definem variadas regras para esse efeito, sendo que cada classe tem as suas próprias regras. No entanto, em termos das regras de regata, as mesmas são iguais para todas as classes, sendo de referir que a entidade internacional que regula a vela, altera e atualiza de quatro em quatro anos as regras, ajustando-as à evolução da modalidade e ao ciclo olímpico.

Uma regata pode ser feita em solitário por dois ou em equipas/tripulações de várias dezenas de velejadores, existindo para o efeito diferentes tipos de barcos, como sejam as pranchas à vela, os monocasco e os multicascos ligeiros ou de cruzeiro/competição, ou seja, barcos com um ou mais cascos.

Uma regata monotipo significa que é feita por embarcações todas iguais, em que a diferença de resultados está na capacidade do velejador e não na potencialidade do barco. Numa regata em que haja barcos de diferentes características e tamanhos (normalmente são regatas da classe cruzeiro), a classificação é obtida por tempo compensado, através de um *handicap*, denominado *Rating*.

A obtenção do *rating* é feito pela medição de várias características do barco (ex. mastro, casco, comprimento de fora a fora, comprimento de linha de água, boca da embarcação (largura de um barco), se tem ou não motor, entre muitos outros fatores) e das suas velas, obtendo-se um certificado de medição, o qual estabelece a relação das características de cada barco e o seu andamento em diferentes condições de mar e de

vento, obtendo um valor denominado de *rating* que, utilizado através de fórmulas matemáticas, resulta em valores iguais para embarcações diferentes.

A vela também é um modo de vida, um lazer, um *hobby*. Exemplo disso é a vela de cruzeiro, feita em barcos de maior porte e geralmente cabinados, dando a possibilidade ao seu utilizador de viver nele.

A diferença entre a vela ligeira e a de cruzeiro é que as embarcações de vela ligeira são normalmente transportáveis e de pequeno porte, não necessitando de qualquer tipo de caderneta de registo, as ditas de competição; no entanto, estão condicionadas às zonas de navegação e período de navegação, ou seja, apenas podem navegar junto à costa e entre o nascer e o pôr-do-sol, contrariamente às de cruzeiro que são embarcações de maior porte, que obrigam a um registo e podem ou não estarem restringidas a zonas e a períodos de navegação (noite ou dia), dependendo isso das suas características e equipamentos.

6 - A vela em Portugal

A primeira prova de vela realizou-se no século XIX, no rio Tejo, e foi impulsionada por oficiais da colónia britânica, em 1850. Cinco anos depois, viria a ser criada por D. Pedro V, a Real Associação Naval, atual Associação Naval de Lisboa – o primeiro clube náutico da Península Ibérica. Em 1882, surge também o Real Clube Naval de Lisboa, hoje designado por Clube Naval de Lisboa. Os primeiros tempos da vela desportiva nacional foram assim marcados por um forte espírito amador, se bem que apoiado pela Casa Real e pelo Estado (Infopédia, 2012).

A crescente dinâmica na modalidade levaria a que, em 1927, fosse fundada a Federação Portuguesa de Vela, de modo a que Portugal pudesse entrar na organização internacional e olímpica de vela.

A Federação Portuguesa de Vela é a entidade reconhecida como Autoridade Nacional à qual compete promover e dirigir, técnica e disciplinarmente, o desporto da Vela e representá-lo em Portugal e no estrangeiro.

De acordo com a estrutura definida pela Federação Portuguesa de Vela, as classes de vela são estabelecidas desde a iniciação, passando pela orientação até à especialização, tendo em conta o escalão etário. Estas classes, pelas suas características e qualidade do Quadro Competitivo Internacional, têm como objetivo reunir os elementos necessários para a evolução dos atletas e desenvolver um conjunto de competências que possibilitam a obtenção de resultados de excelência na Vela Olímpica.

A vela tornou-se desporto olímpico em 1900 e os atletas portugueses desde 1928, nos Jogos Olímpicos de Amesterdão, que participam nesta importante competição.

Portugal, apesar de não ser uma potência da vela internacional, já ganhou algumas medalhas olímpicas na modalidade, a primeira das quais em 1948, em Londres, onde os irmãos Fernando e Duarte Bello conquistaram a medalha de prata na classe *Swallow*,

depois de terem sido considerados vencedores, na sequência de uma série de protestos que acabou por relegar a dupla portuguesa para a segunda posição. Em 1952, em Helsínquia, Joaquim Fiúza e Francisco Andrade alcançaram o bronze na classe *Star*. Já em 1960, em Roma, e novamente graças a uma dupla de irmãos, José e Mário Quina, Portugal regressou ao pódio olímpico. Mais uma medalha de prata, desta feita na classe *Star*. Depois, foi preciso esperar até aos Jogos de Atlanta, em 1996, para a vela portuguesa voltar a brilhar, através de Nuno Barreto e Hugo Rocha que conquistaram o bronze na classe 470.

Desde então, a vela portuguesa tem conquistado inúmeros títulos internacionais em diferentes classes de vela, bem como organizado eventos de elevado nível mundial nas suas águas.

7 - O Desporto Adaptado

O Desporto nos dias de hoje é considerado por todos um fenómeno social e cultural de grande importância.

Segundo José Manuel Constantino, atual presidente do Comité Olímpico Português e ex-presidente do Instituto do Desporto de Portugal (Mestre et al., 2003, p.55), *"o Desporto é sinónimo de cultura, de progresso, de saúde, de educação, de fraternidade, um remédio a muitas patologias das sociedades modernas, sendo os valores do desporto, a sua dimensão social, são cultural e historicamente variáveis, o que torna muitas das declarações sobre o desporto, em grande medida arbitrárias e sem comprovação empírica"*.

Ainda segundo Palmeira, A. P., e Lima, A.P., em 2011, é neste enquadramento que o desporto é um projeto social, em qualquer parte, e ao mesmo tempo um fator social indispensável na formação humana e no desenvolvimento da sociedade. Referem ainda que o desporto, seja ele adaptado ou convencional, tem grande importância para a sociedade nos dias de hoje, e ao praticá-lo colocam não só a parte física, mental, psicológica em ação, mas também congrega e coloca em equação as relações humanas aos mais diversos níveis, sendo que o desporto adaptado não é mais que modalidades desportivas normais, adaptadas a pessoas com necessidades especiais.

O desporto em geral é considerado nos dias de hoje como uma forma de inclusão social, e o desporto adaptado, neste início do século XXI, tem tido um papel importante na intervenção social, como refere Salomé Marivoet (2011).

Várias são as entidades da União Europeia que utilizam o desporto como inclusivo, face à realidade económica e social, mas principalmente devido à exclusão social, étnica, ao racismo, à intolerância e à xenofobia relativos às populações imigrantes.

O desporto como forma de socialização fomenta a igualdade, esbatendo barreiras ou preconceitos e, em termos inclusivos, potencia o melhoramento de qualidades físicas e psicológicas, quando utilizadas em espírito de equipa e *fair play*, autocontrolo e aceitação de regras, promovendo a aceitação do indivíduo como *persona*, face a estigmas existentes neste âmbito.

O desporto inclusivo, efetuado em escolas com crianças, permite maior participação partilhada por todos, e isso é visível também em bairros sociais carenciados por ocasião de projetos relacionados com a inclusão. Salomé Marivoet (2011, pág. 25) refere que a vivência de inclusão social em si mesmo através do desporto é a grande vantagem inclusiva, entre muitas outras.

O caminho do desporto até à inclusão passou por um conjunto de decisões e medidas de organizações e agências internacionais, tais como a ONU (Organização das Nações Unidas) e a UNESCO (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura), que tiveram enorme importância na introdução progressiva de políticas sociais favoráveis à sua implementação.

O movimento a favor da inclusão foi fortemente impulsionado pela Declaração de Salamanca, que defende que:

“O princípio fundamental das escolas inclusivas consiste em todos os alunos aprenderem juntos, sempre que possível, independentemente das dificuldades e das diferenças que apresentem. Estas escolas devem reconhecer e satisfazer as necessidades diversas dos seus alunos, adaptando-se aos vários estilos e ritmos de aprendizagem, de modo a garantir um bom nível de educação para todos, através de currículos adequados, de uma boa organização escolar, de estratégias pedagógicas, de utilização de recursos e de uma cooperação com as respectivas comunidades. É

preciso, portanto, um conjunto de apoios e de serviços para satisfazer o conjunto de necessidades especiais dentro da escola.”

(Declaração de Salamanca, 1994)

A inclusão é um modo de vida, baseado na ideia do respeito, da aceitação e da valorização. Para existir inclusão, deve estimular-se o trabalho e a participação da pessoa com deficiência na sociedade e, juntamente com esta população, devem encontrar-se os meios para conviverem e solucionarem as suas necessidades individuais e coletivas.

8 - A Vela Adaptada

8.1 - O que é a vela adaptada (V.A.)?

Consiste na prática de vela de forma autónoma, por pessoas com deficiência através do recurso a barcos desenhados de forma a serem velejados com o máximo de segurança por essas pessoas com necessidades especiais.

8.2 - Quais os objetivos da V.A. no CNF?

No clube Naval do Funchal, os objetivos principais da vela adaptada passam por propiciar às pessoas com necessidades especiais, a sua inclusão, criando condições para a prática da vela, com meios materiais e acessibilidades adequadas e seguras, facilitando o desenvolvimento de várias capacidades que lhes permitam maior autonomia.

Podem participar da vela adaptada pessoas com deficiência visual ou motora quer num âmbito lúdico, quer desportivo de competição.

8.3 - Quais os barcos adotados/utilizados na vela adaptada?

Os *ACCESS* 2.3

Quais as suas características originais de conceção:

- O sistema de enrolador da vela no mastro, que substitui os rizos, ajustando-a a várias condições de vento sem necessidade do velejador sair do lugar;
- O patilhão central lastrado, o que torna os “*Access*” quase impossíveis de virar;
- O casco côncavo que promove mais estabilidade;
- A posição do velejador que fica sentado, frontal, no fundo do barco em vez da posição lateral de forma a ganhar estabilidade;

- A servo-assistência por “joystick” que opera electricamente, permitindo que a vela seja para todos. De facto, o “joystick” pode ser controlado com a mão, o pé, o queixo ou qualquer parte móvel do corpo. Podemos afirmar que se trata de uma revolução no mundo da vela, uma vez que até deficientes profundos podem participar em atividades lado a lado com pessoas não deficientes.



Figura 7 – Barco Access 2.3 duplo



Figura 8 – Barco Access 2.3 duplo

8.4 - Características técnicas da embarcação

Quadro 2 – Características técnicas de uma embarcação Access 2.3

Comprimento	2,3 metros
Boca / largura	1,25 metros
Pontal / altura	0,75 metros
Peso Mínimo	34/52 kg
Plano de Vela	CatRig
Área Vélica	3,8m2, rizável até 0,5m2
Mastro	4,2 metros
Comandos	Joystick manual
Capacidade	100 kg solo, 120 kg duas pessoas
Banco duplo com capacidade para duas crianças, ou um adulto e uma criança ou dois adultos médios	
Banco baixo e patilhão lastrado - o barco não vira	
Retranca elevada acima da cabeça do velejador	

É importante fazer notar que a estabilidade de um *Access* assenta no peso do velejador estar situado no fundo do barco, baixando assim o centro de gravidade. O peso máximo combinado de dois velejadores num *Access 2.3* duplo é de 120 kg. Todavia, o peso extra é permitido, porque se assume que o centro de gravidade de dois velejadores é inferior ao de um velejador como mesmo peso combinado.

9 - Atividades desenvolvidas

Tendo por base os últimos cinco anos e a função de coordenação da vela adaptada do CNF desde a sua criação, a mesma obedeceu ao seguinte planeamento que tem vindo de ano a ano a ser aperfeiçoado:

Objetivos:

9.1 - Planeamento Anual:

- Cooperar com a Direção do CNF e aplicar os projetos e atividades a desenvolver no âmbito do desporto adaptado;
- Definir critérios de trabalho e de objetivos a atingir pelos técnicos dos diferentes grupos de trabalho;
- Estabelecer metodologias e modelos pedagógicos a utilizar nos diferentes grupos, para encadeamento dos processos de trabalho futuro;
- Acertar com as parcerias públicas e privadas;
- Angariar meios à sua efetivação;
- Racionalizar meios;
- Coordenar e definir as funções desempenhadas por funcionários, técnicos e atletas, dentro das disponibilidades, tendo em conta os meios existentes e se possível a sua valorização;
- Elaborar projetos com entidades privadas e públicas, no sentido de valorizar os meios ao dispor do clube, bem como o desenvolver iniciativas sócio-desportivas, regionais, nacionais ou internacionais.

9.2 - A nível administrativo:

- Elaboração partilhada do plano de atividades para a época desportiva, conjuntamente com a Direção do Clube e os treinadores do departamento de vela;
- Apoio técnico administrativo aos técnicos e desportistas, nas vertentes da formação, especialização e competição, bem como na formação para adultos;
- Organização dos processos burocráticos com as várias instituições com as quais estamos ligados direta ou indiretamente.

9.3 - Metodologia adoptada:

Em termos metodológicos a implementação deste projeto de orientação desportiva dos desportos adaptados assentou essencialmente no seguinte:

- Realização de reuniões mensais ou trimestrais com as entidades parceiras das atividades;
- Reuniões mensais com técnicos e coordenadores;
- Reuniões e contactos diários com a parte administrativa e reunião quinzenal com a Direção;
- Reuniões com entidades públicas e privadas, em especial com estas últimas, face ao seu papel social, apoiando coletividades sem fins lucrativos como o CNF,
- Gestão diária dos acontecimentos, projetados, planeados e surgidos;
- Criação de protocolos, com entidades públicas e privadas implicadas no desenvolvimento de cada projecto /atividade;
- Divulgação das iniciativas e dos projetos através das mais variadas formas e processos, utilizando desde prospectos, cartazes, *site* do CNF, *media*, escolas, etc.

10 - Recursos disponíveis:

Materiais:

- 2 Barcos de apoio a motor
- 8 Barcos de vela *Access 2.3*
- 10 Coletes salva-vidas
- 1 Guincho de elevação de cais
- 1 Carrinha de transporte
- 8 Carros de cais
- 1 Pontão flutuante
- 5 Fundas
- 1 Cadeiras de Rodas
- 1 Acessibilidades de mar e em terra

Humanos:

- A Direção da instituição com nove elementos
- Presidente da Comissão Desportiva (Comodoro do CNF)
- Um coordenador de departamento de modalidade
- Um coordenador de classe de modalidade
- Três administrativos
- Dois indiferenciados (manutenção do material)
- Contratação de *outsourcings* para manutenção e fornecimento de serviços e bens que não sejam suscetíveis de serem reparados internamente.

11 - Plano de atividades e tipo de participação

Período:

- 2008 a 2012

11.1 - Ano de 2008

Com o incremento da dinâmica nacional e regional da classe *Access 2.3*, o CNF conjuntamente com os clubes nacionais que, na época realizavam atividade regular, se organizaram para que, em 2009, as competições nacionais passassem a efetuar-se de forma regular e formal. Esta foi a primeira grande medida para a época 2008. O grupo da classe *Access*, que regularmente trabalhava no CNF duas vezes por semana, passa de seis para oito velejadores, fruto da maior dinâmica e motivação dos seus agentes.

De entre o planeamento elaborado pelo CNF para todo o ano de 2008, foi proposto à Associação Regional de Vela da Madeira (ARVM) a inclusão da classe *Access 2.3* na linha de vela regional, de modo a fazer a sua integração no calendário regional, introduzindo a competição regional formal, integrada nos Torneios Regionais de Escolas de Vela, com agendamento para catorze e quinze de junho e doze e treze de julho, no entanto, não se atribuíram o ainda título regional da classe, face a que a nível nacional o seu enquadramento junto da FPV ainda estava a decorrer e por definir e a depender de procedimentos administrativos vários.

Com as atividades regulares de treinos duas vezes por semana, bem como com a participação em torneios abertos, o clube promoveu em vinte de abril uma formação com o apoio da ARVM, na qual o Diretor Técnico Regional Dr. Francisco Trigo, incidiu o seu trabalho em aspetos teórico-práticos, sobre os procedimentos de largada em regatas e sinalização.

Com as férias da Páscoa à porta, o CNF promove de vinte e quatro a vinte e sete de abril o seu segundo estágio de infantis de escolas de vela e classe *Access* pelo segundo ano

consecutivo, desta vez na Calheta, com o apoio da Sociedade de Desenvolvimento Ponta Oeste e do Clube Naval da Calheta, estágio participado por duas dezenas e meia de velejadores, onde se incluía os quatro jovens da VA do CNF. Foram dois dias em que este grupo colocou em prática toda a aprendizagem antes dada, o que possibilitou a realização de atividades sociais, inclusivas e lúdicas.

Já em junho, dias catorze e quinze, e julho, dias doze e treze, os *Access* do CNF, participam na primeira prova oficial da classe na região, enquadradas no plano regional de vela, conjuntamente com as restantes escolas de vela da região.

Em quatro de maio a classe participa no quinquagésimo sexto Festival Náutico do Aniversário do CNF, e em dezassete e dezoito de maio participa no Dia da Marinha, com Élvio Barradas a vencer ambas as regatas, seguido por António Calaça e António Nóbrega.

Já em setembro, dias vinte e sete e vinte e oito, foi tempo de rumar à capital do país, onde participaram no II Encontro Nacional Vela Sem Limites, numa organização do Clube Naval de Cascais e Câmara Municipal local e da Cooperativa de Educação e Reabilitação de Cidadãos Inadaptados de Cascais (CERCICA).

O CNF não quis perder esta oportunidade e, pela segunda vez no seu historial, iria fazer-se representar após os excelentes resultados obtidos em 2006 (1.º e 2.º classificados da geral) com dois atletas; o António Nóbrega e o Élvio Barradas e dois treinadores Emanuel Silva e Pedro Correia. A participação dos velejadores do CNF só foi possível, graças aos apoios da ARVM e Federação Portuguesa de Desporto para Deficientes (FPDD), bem como da Direção Regional de Educação Especial. Na altura, o técnico Pedro Correia, docente no Centro de Atividades Ocupacionais pela Direção Regional da Educação Especial e que colaborara com o projeto da vela adaptada do

CNF como voluntário, não conseguia esconder a motivação que sentia em ensinar jovens com deficiência motora.

As expectativas eram grandes, tendo em conta que se esperavam que estivessem presentes cerca de dez a doze clubes o que, no entanto, não se veio a confirmar. Este encontro acabou por ser cancelado devido aos fortes ventos, para descontentamento dos nossos velejadores, que nem dormiram na véspera porque estavam muito ansiosos.

Contudo, houve oportunidade para no sábado experimentar novas embarcações, neste caso os *Liberty*, e o CNF, aproveitou e lançou o desafio aos clubes nacionais, para a realização de um Encontro Nacional de Vela Adaptada na Região Autónoma da Madeira no Verão de 2009.

A proposta foi feita pelos técnicos do CNF, Emanuel Silva e Pedro Correia e a receptividade foi grande da parte dos restantes clubes presentes — Clube Naval de Cascais, Clube Naval de Sesimbra, Ginásio Clube Naval de Faro, Clube Naval Povoense, Cooperativa para a Educação e Reabilitação de Cidadãos Inadaptados de Cascais (CERCICA) e Clube Náutico Boa Esperança —, o que deixou desde logo boas perspetivas na concretização desta meta da nossa coletividade. A época termina com a contabilização de cento e vinte e seis saídas de mar e prepara-se o plano de 2008/2009, com início em Outubro de 2009, estando em carteira o grande evento nacional na Ilha da Madeira, perspetivando-se a presença de todos os barcos e clube nacionais no Funchal.

11.2 - Ano de 2009

O ano de 2009 começou com o empenhamento na grande organização que o clube colocara pela frente, que seria o Primeiro Encontro Nacional de Vela Adaptada classe *Access* e Primeiro Campeonato Regional da Classe *Access 2.3*, a realizar no início de

julho, bem como a entrada a tempo parcial do Professor Hugo Rosa como técnico especialista nesta classe a partir de setembro.

Fruto dessa organização, o clube adquire uma nova embarcação em Espanha, na expectativa de se fazer representar com quatro velejadores no encontro de julho, situação que não veio a verificar dado o atraso da expedição das embarcações da fábrica na Austrália.

O clube aumenta a frequência das aulas semanais de duas para três, passando às quintas-feiras de manhã, a realizar batismos de mar com a colaboração de diferentes serviços da DREER (Centro de Atividades Ocupacionais (CAO) de São Roque, C.A.O. Machico, C.A.O. C. Lobos, C.A.O. S. Pedro).

De vinte e sete a trinta de março de 2009, organiza-se um estágio para as escolas de vela classe Optimist e Access 2.3, no Porto Santo. O estágio realizado nas instalações do Clube Naval de Porto Santo conta com um contingente de vinte e um atletas e três treinadores do CNF juntando-se na Ilha Dourada um técnico e mais três velejadores do clube local, num total de vinte e oito pessoas. A integração de quatro jovens velejadores da classe Access no grupo sempre foi bem recebida pelos colegas iniciantes da classe Optimist, e hoje, a integração social é uma realidade corrente no nosso clube. O estágio serviu de preparação ao Encontro Nacional de Vela Adaptada que o clube iria realizar de três a cinco de julho.

Em dez de maio o clube organiza o seu quinquagésimo sétimo Festival Náutico de aniversário e a frota de Access 2.3 marca presença com a dupla António Calaça/Mónica a vencer, seguida de António Nóbrega e a fechar o *podium* Élvio Barradas, na classe que apenas competiu com três embarcações.

Ainda em maio, mas a trinta e trinta e um, o Naval participou com três velejadores desta classe *Access 2.3*, no Primeiro Torneio Infantil de 2009, tendo novamente António Nóbrega vencido, seguido por Élvio Barradas e com António Calaça a fechar o *podium*. Finalmente chegou o mês de julho, e de três a cinco, o CNF organizou o primeiro grande Encontro Nacional de Vela Adaptada no país e o Campeonato da Madeira classe *Access 2.3*. Criou-se conjuntamente com outras entidades acessibilidades em São Lázaro, com apoio e a disponibilização pela Marina Funchal, de um espaço no pontão flutuante para a vela adaptada e colocação do tão ambicionado guincho.

Num programa de nove regatas agendadas, o início da competição acontece dia três de julho pelas nove horas e trinta minutos, no Posto náutico em São Lázaro, com a classificação funcional dos velejadores. O Classificador Nacional Pedro Cunha deslocou-se à região no sentido de poder classificar os velejadores e a organização poder assim garantir mais equidade à competição.

Pelas onze horas da manhã, dar-se-ia início ao campeonato propriamente dito com a realização das regatas.

A classe *Access 2.3* é uma classe de formação, sendo que esta competição contou com a participação do Clube Naval de Cascais, Clube Naval Povoense, Clube Naval de São João do Porto e do Clube Naval do Funchal, entidade organizadora e anfitriã.

A frota do *Access 2.3* em Portugal era na altura de apenas vinte e cinco barcos, dos quais doze estavam na região, o que era um orgulho para o CNF. O primeiro e segundo dias de competição permitiram a realização de três regatas em cada dia, o que muito agradou a todos, sendo que, paralelamente a isso, o CNF se preocupou em organizar pequenos eventos sociais.

No entanto, no último dia de competição (dia cinco de julho de 2009) aconteceu o que a organização mais temia: a ausência de vento não permitiu a realização de qualquer

regata. Fruto dessa situação, o título foi antecipado, sendo atribuído sem qualquer margem de dúvida, pois com cinco vitórias em seis regatas, estava claro quem era o vencedor, sendo que apenas para os restantes lugares do *podium* é que poderia haver ainda alguma alteração.

Os velejadores do Clube Naval de Cascais demonstraram estar bem mais preparados que os restantes clubes, colocando três velejadores no *podium*, enquanto o clube anfitrião, o Naval do Funchal, se satisfazia com o quarto lugar de António Nóbrega e o Clube Naval São João do Porto, com o quinto lugar. Referência para Mónica Mendonça, a única rapariga presente, bem como para o mais jovem participante, o José Rui Silva do Clube Naval Povoense que se estreou nesta classe.

A festa aconteceu e fica para a história da Região Autónoma da Madeira a realização do primeiro encontro de Vela Adaptada de âmbito Nacional na Região.

A entrega de prémios decorreu junto à rampa de São Lázaro, local de criação do Clube Naval do Funchal há cinquenta e oito anos. Na festa de consagração, a organização, entidades oficiais, patrocinadores, velejadores e colaboradores aproveitaram para descontraírem, bem como ouvir o que cada parte tinha a dizer, durante um almoço convívio no qual o CNF aproveitou para agradecer a todos.

A Classificação Final foi a seguinte:

1.º Bruno Pereira – Clube Naval de Cascais, 2.º Carlos Alberto Araújo – CNC,
3.º António Martins dos Santos – CNC, 4.º António Nóbrega – Clube Naval do Funchal,
5.º Filipe Manuel Leite – Clube Naval São João do Porto, 6.º Luís Alexandre Silva – CNC, 7.º Domingos Cagembe – CNC, 8.º Élvio Barradas – CNF, 9.º Mónica Mendonça – CNF, 10.º José Rui Silva – Clube Naval Povoense

Paralelamente a este encontro, António Nóbrega do CNF consagra-se campeão Regional da classe *Access 2.3* no primeiro campeonato organizado na Região para esta classe, seguido por Élvio Barradas e a fechar o *podium* Mónica Mendonça.

No final todos estavam satisfeitos com a promessa de continuarem a trabalhar, por forma a acreditar que a vela adaptada seria uma realidade no futuro do desporto do Naval e da região.

Entretanto, em doze e treze de setembro de 2009, dois velejadores do Clube Naval do Funchal, voltam a competir fora da Madeira, participando no «I Troféu Brisa – III Encontro Vela Sem Limites», uma competição organizada pelo Clube Naval de Cascais. Em acção, estiveram treze atletas de seis clubes distintos que realizaram três regatas. A prova foi ganha pelo velejador local Henrique Albino, enquanto os dois navalistas terminaram a meio da tabela. António Nóbrega foi sexto classificado, e o Élvio Barradas foi sétimo.

Ainda em 2009, mas em catorze de outubro de 2009, o Clube Naval do Funchal, promoveu conjuntamente com um grupo de jovens deficientes do Núcleo de Lares e Residências da D.R.E.E.R., um passeio a bordo da lancha Dr. António Ribeiro do C.N.F., tendo assim este grupo tido a oportunidade de, pela primeira vez, estar no mar e navegar.

Ainda em outubro, mas dia vinte e dois, o CNF organiza o primeiro batismo de vela adaptada com jovens deficientes do Serviço Sócio Educativo de apoio a Deficientes Profundos, da Direção Regional de Educação Especial e Reabilitação, propiciando a quatro jovens a possibilidade de navegarem nas embarcações à vela *Access 2.3*.

O vento apesar de muito fraco foi o suficiente para os jovens poderem desfrutar da atividade, situação que os motivou a querer voltar. O contacto com o meio aquático

revelou-se positivo para estes jovens, o que proporcionou muita alegria e boa disposição no fim da atividade.

A partir de novembro de 2009, o CNF passou a realizar quatro vezes por semana batismos de mar para a população em geral, e em dez de dezembro celebra um protocolo com a Associação Portuguesa de Deficientes – Núcleo da Madeira (ADP-M), propiciando aos sócios daquela associação meios e aulas gratuitas, com o intuito de trazer mais pessoas para o mar, bem como voluntários para apoio à classe. Estava previsto ainda antes do ano terminar a realização da tradicional regata São Silvestre dia vinte de dezembro; no entanto, as condições climáticas não permitiram, tendo a atividade desta classe sido anulada. É de referir, no entanto, que o ano de 2009 terminou com um pouco mais de duzentas saídas individuais ao mar de novos e velhos praticantes.

11.3 - Ano 2010

O ano de 2010 avizinhava-se cheio de perspetivas e ambições, pois passou a contar com o destacamento do professor Hugo Rosa a tempo inteiro e com disponibilidade diária para esta atividade, o que possibilitou batismos diários e uma atividade mais regular.

Também com o projeto “Vela para Todos”, do professor voluntário da educação especial Pedro Correia, contribuía para essas perspetivas e ambições, sendo os seus objetivos principais:

- Melhorar os padrões normais de movimento, desenvolver a autonomia motora bem como propiciar alegria através do movimento;
- Propiciar o desejo normal e saudável de progredir, de fazer conquistas, descobrindo potencialidades e limitações;

- Favorecer a aceitação dos valores dos outros, contribuindo para o desenvolvimento da socialização;
- Estimular e desenvolver a comunicação náutica específica.

Com a motivação existente e o grupo de trabalho organizado em termos dos objetivos, multiplicam-se os contactos com vários Centros de Atividades Ocupacionais do Funchal, e dia dez de fevereiro de 2010, o clube recebe mais dois grupos de utentes para a vela Adaptada, um do CAO de São Roque e outro da Associação de Deficientes de Portugal, núcleo da Madeira, que sob a orientação dos professores Emanuel Silva e Hugo Rosa passaram a ter a possibilidade e disponibilidade para fazer um desporto que lhes poderia transmitir novas perspetivas de estar na vida, e na sua integração sociocultural, realizando os primeiros às quartas-feiras saídas de mar, e de familiarização para os segundos por forma a realizar agendamentos futuros.

Os nossos velejadores participam a dezassete de janeiro no vigésimo aniversário do Centro de Treino Mar (CTM) com António Nóbrega a vencer seguido de Mónica Mendonça e de Élvio Barradas.

Entretanto, o CNF lança o desafio aos velejadores regionais de outras classes que não a classe *Access* para que se juntem a este núcleo da vela adaptada, quer como praticante ou como voluntário. Esta nova época de 2009/2010 (OUT /FEV) estava a começar bem até dezoito de fevereiro, pois as saídas de mar e batismos já contabilizavam mais de duzentas saídas efetuadas.

Depois deste período de entusiasmo, a catástrofe do vinte de fevereiro fechou as instalações do clube e esta classe em particular por dois meses, tudo devido às acessibilidades, pois o clube ficou soterrado em lama. Fruto das contingências não houve deslocações a nível nacional em 2010.

Os treinos e as competições voltaram com o quinquagésimo oitavo Aniversário do CNF nos dias um e dois de maio. Contudo, o fraco vento não permitiu aos velejadores acabarem a regata.

No primeiro fim de semana de maio, o CNF leva o técnico do clube professor Pedro Correia ao continente onde a Federação Portuguesa de Vela realiza o curso de Classificador Funcional Nacional, passando este a ser o primeiro na Região.

Já no Dia da Marinha a dezasseis de maio de 2010, António Calaça voltou a vencer, seguido por Élvio Barradas, Mónica Mendonça e António Nóbrega. No fim de semana seguinte, dias vinte e dois e vinte e três de maio António Calaça volta a vencer, desta feita no I Encontro de Infantis, numa organização do CTM. A segunda posição foi para António Nóbrega, seguido de Élvio Barradas e em quarto lugar classificou-se Mónica Mendonça.

Em junho, dias dezanove e vinte, o CNF organizou o II Encontro Infantil com a classificação a repetir-se, vencendo António Calaça seguido de António Nóbrega, Élvio Barradas e Mónica Mendonça. Ainda em junho, o CNF colabora com a DREER nos Jogos Especiais de 2010, e pela primeira faz-se uma demonstração de Vela adaptada e/ou vela ligeira (com o Raquero) com quatro dos nossos velejadores e os técnicos do clube a toda a comunidade presente nesses jogos.

Em julho, dias dez e onze, realizou-se o Encontro Regional que decidia o Campeão de 2010, numa organização do Iate Clube de Santa Cruz. Novamente, António Calaça voltou a vencer, demonstrando muita regularidade e empenhamento, com os seus colegas de sempre, Élvio Barradas e António Calaça, que lhe seguiram no *podium*, fechando Mónica Mendonça a classificação geral, que até então contava com apenas quatro embarcações. Aproveitando os barcos estarem nessa zona, deram-se alguns

batismos de mar com o Centro Ocupacional da Camacha, com saídas na Baía de Santa Cruz.

O Verão passou, e a atividade volta à normalidade em outubro, sendo que a três e novembro o clube participa e coorganiza com a Secretaria Regional de Educação e Cultura a atividade “O Desporto e o Mar” cujo objetivo era chamar à atenção desse grande recurso natural que nos rodeia, como infraestrutura lúdica e desportiva, e promover junto da população a prática de atividades tão díspares como mergulho em apneia, pesca desportiva, canoagem, vela ligeira, prancha à vela, vela adaptada e canoagem, biologia marinha, segurança marítima e modelos à vela.

Para ajudar à ideia, nomes sonantes do desporto regional, tais como João Rodrigues (vela), Nuno Barradas (pesca desportiva), Gonçalo Sousa (modelos à vela), Pedro Mendes (canoagem) e o navalista Manuel Gouveia (vela ligeira), distribuir-se-ão por São Lázaro, Cais do Carvão e Quinta Calaça, locais onde as actividades foram dinamizadas, entre as nove e as doze horas e depois das catorze e trinta às dezassete horas.

Apesar das dificuldades e com o horizonte temporal incerto, o clube investe com o apoio de várias entidades públicas e privadas e, a dezasseis de novembro de 2010, faz a apresentação pública da aquisição de quatro novas embarcações *Access 2.3*, para esta classe. Das novas quatro embarcações, o clube apetrechou uma delas com um sistema de servo-freio elétrico, que dava mais autonomia a utentes com maior grau de deficiência. Estas novas embarcações, contaram com o apoio financeiro da Câmara Municipal do Funchal e de vários mecenas, caso da Promosoft, Zon Madeira e do transitário Bitrans. A sua apresentação pública teve honras e presenças, de várias entidades publicas e privadas, como do então vereador do desporto da Câmara Municipal do Funchal, Dr. Pedro Calado, do Comandante do Porto do Funchal, Amaral

Frazão, da representante do Instituto do Desporto da Região Autónoma da Madeira, Marta Lopes, do Presidente da Classe *Access* Portugal Charles Lindley que propositadamente veio à ilha da Madeira para esta apresentação, da Diretora Regional da Educação Especial e Reabilitação Dr.^a Maria José Camacho, membros diretivos do CNF, com destaque para a sua presidente Mafalda Freitas e o Comodoro Joaquim Barata da Silva. O clube duplicou assim a sua frota de *Access* de quatro para oito embarcações.

Depois de um ano de 2010 negro, esta compra foi incentivo a todo o grupo de trabalho e velejadores, que mesmo com imensas dificuldades permitiu 380 saídas, entre treinos e baptismos de mar, superando de forma clara, o ano de 2009 em quase noventa por cento de saídas.

O ano termina com a regata São Silvestre, participando os mesmos quatro jovens velejadores, tendo José Calaça vencido, seguido de António Nóbrega, Élvio Barradas fechando com Mónica Mendonça.

Com o fechar deste ciclo, o clube concentrou-se em atividades mais regulares, os denominados treinos semanais do grupo que competia, realizando treinos às terças e quintas-feiras, e os denominados “Batismos de Mar”, atividades que visavam essencialmente propiciar às pessoas com necessidades especiais um primeiro contacto com este tipo de desporto náutico.

Para esse efeito, o clube disponibilizou ao longo da semana e com a colaboração de três técnicos, às segundas, quartas, quintas e sextas-feiras, um horário de atividades em que os utentes tinham a oportunidade de se familiarizarem com o meio, bem como se adaptarem à embarcação.

Estas atividades tinham um horário regular e aconteceram, entre outubro 2010 e julho de 2011, no turno da manhã, sob a orientação dos três técnicos e um voluntário.

11.4 - Ano de 2011

O ano de 2011 iniciou-se com a participação no Torneio Caixa Geral de Depósitos, organizado pelo CNF nos dias oito e nove de janeiro de 2011, com excelente adesão e realizado com boas condições climáticas. Os jovens velejadores, visivelmente satisfeitos por poderem competir, continuavam a impressionar pela destreza com que levavam os seus barcos a bom porto. José Calaça foi o melhor, ao vencer as duas regatas disputadas, tendo em ambas sido secundado por António Nóbrega. Élvio Barradas completou o pódio e Mónica Mendonça ficou no quarto lugar, todos do CNF.

Com uma nova embarcação, também chegam novos velejadores, juntando-se mais um velejador em 2011 ao grupo da competição, passando os treinos a acontecerem também aos sábados de manhã.

Com as dificuldades financeiras existentes em termos de apoios a esta classe de vela, o CNF cria o projeto “Vela Sem Limites”, cujo objetivo principal era a angariação de apoios financeiros e dar maior visibilidade a estas atividades, bem como com esses apoios, propiciar uma maior inclusão social, dotando o clube de meios materiais a uma prática mais sustentável.

No início de março, dia dois, celebrámos mais um protocolo de cooperação, com a ADP-M, tendo como objetivo a dinamização de modalidades náuticas desportivas adaptadas à população especial, dando continuidade à prática da vela, e introduzindo a canoagem e natação.

O número de batismos de jovens “especiais” aumentou, passando as embarcações a saírem para o mar quase todos os dias da semana e o programa “Vela Sem Limites” a descentralizar a atividade em Machico e Calheta, uma oportunidade para reunir jovens e menos jovens de outros concelhos da Região, permitindo assim uma maior inclusão no todo regional.

Merece destaque a atividade realizada a vinte e três de março na Calheta, com o batismo de mais de trinta utentes do Centro de Atividades Ocupacionais da Ponta do Sol que, na Marina da Calheta, algo desconfiados com a proposta do Clube Naval do Funchal aceitaram o desafio. Mas, depois de experimentarem dar uma “voltinha” ao leme de um *Access 2.3*, já só perguntavam quando poderiam voltar ao mar. Esta iniciativa contou com os apoios do Município da Calheta, da Sociedade de Desenvolvimento da Ponta do Oeste, da Direção Regional de Educação Especial e Reabilitação e do Clube Naval da Calheta.

Nos dias vinte e seis e vinte e sete deste mesmo mês de março, os velejadores do Naval do Funchal participaram na primeira prova de apuramento nacional (primeira PAN), competição disputada na Figueira da Foz, com Élvio Barradas e António Nóbrega, que se depararam com condições meteorológicas adversas, com chuva intensa e o vento a fazerem com que a primeira regata fosse concluída por apenas sete dos quinze velejadores, entre eles António, que ficou em sétimo. A temperatura da água, em nada comparável com os dezoito graus que, nessa altura, se fazia sentir na Madeira, também causou dificuldades aos velejadores funchalenses. No dia seguinte, domingo, já o tempo esteve melhor e os madeirenses puderam revelar alguma da sua perícia. Élvio Barradas esteve em melhor plano, alcançando dois sextos lugares e um quarto, o que lhe valeu o quinto posto na classificação geral. António Nóbrega obteve dois oitavos lugares e um décimo primeiro, terminando no nono posto.

Em abril, voltámos a inovar e dadas as dificuldades financeiras, com o apoio do Comodoro Dr. Joaquim Barata da Silva e do Centro Comercial Caniço Shopping realizámos uma passagem de modelos no centro comercial de modo a angariar alguns fundos para as atividades. O Clube Naval do Funchal, em parceria com o *Diário Cidade*, *Tribuna da Madeira*, *Revistas Saber* e *Fiesta*, Agência ModAge e a Qualifrutas,

levou a efeito, no dia dois de abril de 2011 no “Caniço Shopping”, um desfile de moda. A iniciativa culminou com a Campanha de Angariação de Fundos, denominada “Vela Sem Limites”, para a Vela Adaptada do Clube Naval do Funchal. No essencial, a campanha visou reunir através de um contributo mínimo de €5,00 (cinco euros), montante que foi maximizado no esforço diário que estes extraordinários atletas realizam para concretizar o sonho de velejar um pouco mais além.

Resultados obtidos com a ação em números:

- ✓ Duzentos Bilhetes vendidos;
- ✓ Cerca de 2500€ (donativo incluídos) resultado da Campanha de Angariação de Fundos;
- ✓ Seis Publicações de imprensa Escrita e *Online*;
- ✓ Divulgação no *site* Oficial do Clube Naval do Funchal entre vinte e um de março a dois de abril com média de 672 visitantes;
- ✓ Divulgação na página oficial do Facebook do CNF, com mais de quinhentos fãs;
- ✓ Envio de *Newsletter* para 2500 contactos.

O mês de maio trouxe outra inovação, com o clube a realizar a primeira edição do *Open Day*, que teve lugar entre os dias seis, sete e oito de maio de 2011 nas várias instalações do CNF, nomeadamente no Complexo Desportivo da Nazaré, Piscinas e AquaGym, Posto Náutico de S. Lázaro e Quinta Calaça.

Realce para o primeiro dia, seis de maio, dedicado à vela e canoagem adaptada, que suscitou grande entusiasmo dos utentes dos Centros de Apoio Ocupacionais participantes. De resto, foi dada primazia às atividades ligadas ao meio aquático, sendo

que a procura foi maior precisamente nesse âmbito, ou seja, mergulho, jet-ski, mota de água, canoagem, vela e windsurf.

OPEN DAY EM NÚMEROS:

- 3 Dias de evento (1 dia desporto adaptado);
- 12 Modalidades (2 modalidades de desporto adaptado);
- Cerca de 150 participantes no total das atividades;
- 50 Participantes nas atividades de Canoagem e Vela Adaptada;
- Envio de Newsletter para cerca de 2.500 contactos;
- Divulgação na Imprensa Regional;
- Divulgação nos Meios de Comunicação do CNF – Boletim do Naval, Navalista, no *Diário Cidade e Tribuna do Naval* no Semanário *Tribuna da Madeira*;
- Divulgação no *site* oficial do CNF entre 18 de abril a 10 de maio;
- Divulgação na página oficial do CNF no Facebook com mais de 600 fãs;
- Distribuição de cartazes e folhetos pelas várias escolas de Ensino Básico e Primário do Funchal e arredores.

Ainda em maio e após as regatas aniversário do CNF realizada dia um, os velejadores do Clube Naval do Funchal, Élvio Barradas e António Nóbrega, participaram nos dias catorze e quinze, na segunda Prova de Apuramento Nacional, disputada em Vila Real de Santo António. A prova teve um ingrediente “picante” para os madeirenses, pois foi disputada no Rio Guadiana, em condições naturalmente diferentes às que estavam habituados, com ótimas condições climatéricas.

Assim e com a sua adaptação às condições, Élvio Barradas foi um exemplo, e paulatinamente foi subindo na classificação, conforme as regatas foram sucedendo, tendo obtido o décimo segundo, na primeira regata, sétimo, na segunda e quinto, na terceira regata do dia. Já, António Nóbrega não foi tão feliz e foi desclassificado na primeira regata, por largada antes do tempo, somando nas restantes um nono e um sétimo lugar.

No segundo e último dia do campeonato, a força das águas do rio fez-se sentir com maior intensidade, pois a corrente apresentou-se mais forte, o que dificultou a grande maioria da frota, razão pela qual apenas quatro velejadores terminaram a primeira regata do dia, dentro do tempo que a organização tinha previsto para cada regata. Com alguma sensibilidade, os jovens madeirenses participaram na segunda regata e aí, Élvio e António classificam-se em décimo segundo e décimo quarto, respetivamente, não podendo continuar o campeonato face aos atrasos ocorridos e tiveram que vir embora, pois o avião para a Madeira não esperava. Feitas as contas, nesta Segunda PAN, Élvio Barradas terminou no décimo segundo lugar, ao passo que António Nóbrega foi décimo quarto classificado.

No final do mês, dias vinte e oito e vinte e nove maio em Santa Cruz, participámos no primeiro Torneio de Infantis e *Access 2.3*, provas oficiais da Madeira com os navalistas a marcar presença e a vencer, tal como na segunda prova em dezoito e dezanove junho, que decorreu no Funchal.

Nos finais de junho, dias vinte e oito a trinta, António Nóbrega e Élvio Barradas classificaram-se no oitavo e nono lugares, respetivamente, no Campeonato Nacional de Classe *Access 2.3*, disputado em Viana do Castelo. Entre dezassete concorrentes, os velejadores do Clube Naval do Funchal realizaram uma prestação regular, ocupando sempre posições do meio da tabela.

Disputada no Rio Lima, a competição contou com vento constante ao longo dos três dias, ao contrário do que apontavam as previsões, muito embora a intensidade tenha decrescido. António Nóbrega foi o que se adaptou melhor às condições climáticas e logo no primeiro dia instalou-se no oitavo lugar da geral, fruto de um oitavo, um sétimo e dois sextos lugares. No segundo dia de regatas, António voltou a somar dois sextos lugares e um oitavo, o que lhe abriu boas perspectivas para, no derradeiro dia, poder subir algumas posições na classificação. O navalista até começou bem o domingo, com a obtenção de um quinto lugar na primeira regata, mas uma décima terceira posição na derradeira regata do campeonato, ainda que “descartada”, estragou com uma boa sequência e com a hipótese de subir um ou dois lugares. Elvío Barradas andou sempre perto do seu colega de equipa, a modos de ter terminado no nono lugar da geral. No seu primeiro dia na água, alcançou um sétimo, um nono, um décimo e um oitavo, mas na segunda jornada não lhe correu bem, somando um décimo terceiro, um décimo quinto e um nono lugar. No entanto, na despedida do Rio Lima, Elvío obteve um sétimo e um oitavo lugar, que lhe permitiram obter uma posição final mais consentânea com o seu real valor.

Após os embates em provas nacionais e os torneios regionais, os velejadores do CNF participaram no Encontro Regional de Infantis de Vela Adaptada nos dias nove e dez de julho, prova que apurava o Campeão de 2010/2011. Organizada pelo CNF, a mesma reuniu cerca de uma quinzena de velejadores na baía do Funchal, que realizaram quatro regatas, sábado e domingo, e beneficiaram de um vento que variou entre os cinco e os nove nós do quadrante sudoeste. Na classe *Access 2.3*, José António Calaça foi o melhor, seguido de António Nóbrega, Elvío Barradas e Mónica Mendonça, por esta ordem.

O Verão passou, e a dezasseis de novembro, o CNF apresenta quatro novos barcos, duplicando a sua frota desta classe de quatro para oito barcos e assim possibilitando trabalhar com mais e melhor qualidade os seus velejadores e utentes.

Apesar das dificuldades o ano de 2011 permitiu bater o recorde de batismos de mar e treinos, totalizando 443 saídas, fruto do maior número de embarcações e de voluntários.

11.5 - Ano de 2012

Em outubro de 2011 começou-se a preparar o início da época 2012, e agendando desde logo uma iniciativa de dimensão regional, para três de dezembro: a organização pelo CNF, no posto náutico de São Lázaro, de uma ação de promoção de canoagem e vela adaptada, no âmbito da Semana Regional da Pessoa com Necessidades Especiais.

Para o efeito, uma equipa de técnicos dos departamentos de vela e canoagem do CNF montou toda a logística necessária, nomeadamente as embarcações *Access 2.3* e as devidas acessibilidades ao mar como o guincho, as fundas e demais material de segurança. Os utentes da Delegação do Funchal da Associação de Deficientes de Portugal puderam assim desfrutar de uma manhã diferente, soalheira e com “saltos” de vento que elevaram o grau de dificuldade da actividade.

Com o decorrer dos tempos as ambições cresceram, e o Naval candidatou-se a fundos Europeus, através da criação de um projeto denominado “FAROL PARA A VIDA”, para a época de 2012, e cuja apresentação foi realizada a catorze de março de 2012 no Posto Náutico do clube em São Lázaro.

O referido projeto no âmbito do desporto adaptado e da assunção da responsabilidade social, enquanto instituição de utilidade pública, visou sensibilizar as instituições públicas e privadas, as famílias, as escolas e o público em geral, para a inclusão social

por via do desporto, divulgando as atividades de natação, vela e canoagem adaptada desenvolvidas pelo Naval, promovendo os princípios de cidadania e de associativismo.

Pelo seu significado e importância é necessário falarmos mais demoradamente sobre o projecto “Farol Para a Vida”.

Este projeto, desenvolvido no âmbito do desporto adaptado, teve como grandes objetivos:

- 1) Despertar consciências, utilizando o desporto como meio de inclusão social;
- 2) Informar e oferecer oportunidades de participação, através da divulgação das atividades organizadas pelo CNF, como Canoagem, Vela e Natação adaptada;
- 3) Envolver a população e levar à sua participação no projeto de modo a promover os princípios de cidadania, associativismo, tolerância e inclusão.

Definidos os objetivos e planeada a sua implementação pode, face à monitorização do projeto, falar-se dos resultados através dos números finais da atividade:

- Nove meses de atividades. Desde a implementação do projecto em um de fevereiro até à entrega do relatório final em trinta e um de outubro de 2012;
- Noventa e um participantes, foi o total de jovens que participaram nas diferentes actividades regulares;
- 182 Batismos de Canoagem, Vela e Natação, que consistiu em atividades práticas e teóricas em sessões previamente definidas e limitadas em termos do número de utentes e dos dias a realizar;
- Doze centros de atividades ocupacionais participantes, correspondente à totalidade dos centros existentes na região;

- Doze desenhos a concurso. Uma das atividades associadas era promover a participação dos utentes destes centros, num concurso de desenho, que de algum modo retratasse a atividade realizada neste projeto;
- Três exposições das pinturas efetuadas sob o tema “Vela, Canoagem e Natação Para Todos”, tendo as mesmas ocorrido a oito de junho no Hotel *FourViews* Funchal, entre os dias vinte e sete de julho e dois de agosto no espaço Infoarte da Secretaria Regional do Turismo e Transporte, e finalmente no Centro Comercial Doce Vita Funchal em Setembro;
- Através de notícias que fomos elaborando, bem como através dos contactos que estabelecemos, conseguimos um bom nível de divulgação nos media, com quarenta e nove notícias, das quais, trinta e nove *on-line*; dez, na imprensa escrita e duas, na TV. O CNF produziu ainda cinco vídeos que constituem uma memória para o futuro, bem como material que poderá ser utilizado em futuras promoções e apresentação do que foi o projecto “Farol para a Vida”
- Em termos de comunicação para que o projeto “Farol para a Vida” tivesse visibilidade e contexto aplicativo, houve a necessidade de:
 - Criação de um logótipo para o Desporto Adaptado do CNF;
 - O Design do projeto;
 - Estabelecer diretrizes de Comunicação;
 - Declinação para materiais (adaptar imagem para diferentes materiais) como por exemplo: *Roll-up, Flyers*, Equipamentos desportivos;
 - Preparação e elaboração de comunicados e *Kits* de Imprensa;
 - Garantir o envio de informações periódicas à Imprensa;
 - Garantir a divulgação de conteúdos na *Website, Facebook e Newsletter*, e de publicações mensais e semanais na imprensa escrita;

Finalmente como plano de meios para a sua divulgação e visibilidade mediática, tratámos de utilizar o seguinte:

- *WEB*: Site oficial do CNF, criação da página *Facebook* do Projeto “Farol para a Vida” e *Newsletter*;
- *Imprensa Escrita*: envio de comunicados, e realização de conferências de imprensa, publicações no boletim mensal denominado “Naval” através da parceira existente com a empresa Liberal (Navalista, Tribuna do Naval (semanal) e Boletim do Naval (mensal);
- *TV*: cobertura das atividades e reportagens, criação de vídeos:

Assim e a partir de fevereiro de 2012, de forma regular e semanal, o clube promoveu batismos de vela em São Lázaro, descentralizando em vinte e sete de abril e vinte e oito de maio com ações em Machico e na Calheta respetivamente, momento que propiciou a mais de trinta utentes uma experiência náutica diferente.

Na sequência do projeto “Farol para a Vida”, realizámos um concurso de desenho criativo cujo tema era, “FAROL PARA A VIDA: Vela, Canoagem, Natação para todos” em que participaram onze Centros de Atividades Ocupacionais (CAO’s) e a Delegação da Madeira da Associação Portuguesa de Deficientes e cujas telas estiveram em exposição em diversos locais incluindo o espaço expositivo da Direção Regional de Turismo da Madeira.

Ainda no âmbito deste projeto, organizámos no dia oito de julho a Conferência “Desporto Aquático Sem Limites” que trouxe até à Região o Secretário de Estado da Juventude e Desporto Dr. Alexandre Mestre na sua visita oficial à Madeira e o Presidente da Federação Portuguesa de Desporto para Deficientes Dr. José Pavoeiro para debater a temática do desporto náutico adaptado, o presidente da Associação

Portuguesa da Classe *Access* Charles Lindley, tendo contado ainda com o Secretário Regional da Educação e Recursos Humanos Dr. Jaime Freitas.

Em junho, dias sete a nove, sob a égide da Federação Portuguesa de Vela, Associação Portuguesa da classe *Access*, organizámos o Campeonato Nacional da referida classe no Funchal, agora sim de modo formal e reconhecida, contando com a participação de cinco clubes de norte ao centro do país e ilha da Madeira, num campeonato que contou com cerca de duas dezenas de participantes. Em simultâneo, realizou-se o Regional da classe *Access* 2.3 sob a égide da ARVM e CNF.

Antes no mês de maio, aquando do aniversário do CNF, nos dias cinco e seis organizámos o Torneio Álvaro Lopes integrado nas comemorações dos sessenta anos do clube que contou apenas com as embarcações e velejadores do CNF.

A catorze de julho proporcionámos um passeio náutico a uma dezena e meia de jovens, do Lar da Quinta do Leme que, sob a orientação do treinador Emanuel Silva e dos voluntários, Isabel, Inês, Pedro Correia, Rodrigo, Pedro, Nuno, Guilherme, fizeram uma saída e baptismo de mar nos *Access* 2.3.

A época decorria em pleno e cheia de motivação com todos os projetos a mostrarem grande dinâmica e um papel importante na inclusão destes praticantes, bem como dando oportunidade para que a sociedade em geral tivesse um maior conhecimento desta modalidade.

Apesar de todos os projetos inovadores e mobilizadores terem sido implementados, a forte crise que surgiu, impossibilitou a vinda de muitos utentes face à inexistência de disponibilidade financeira para suportar os custos com os transportes, o que desde logo impediu muitas das saídas e batismo de mar. No entanto, ainda foi possível realizar duzentas e cinquenta e duas saídas, menos cinquenta e seis por cento do que no ano anterior.

12 - As Atividades – Da Organização à Operacionalização

Ao longo destes cinco anos, as diferentes atividades por nós desenvolvidas ou participadas, obrigaram por vezes ao engenho e arte de ultrapassar barreiras de diferentes características, quer tenham sido elas físicas, burocráticas, sociais, logísticas ou outras.

A vontade e o empenho superaram tudo, pois o objetivo principal que sempre norteou este projeto do desporto da vela adaptada era o de colocar a modalidade no “mapa” do desporto regular da vela regional e nacional. Isso foi conseguido, e hoje não avançamos mais, dado haver condicionantes de ordem estruturante dos acessos ao mar em particular, além dos transportes terrestres, o que nos deixa um pouco em *stand by*, se assim poderei definir, aguardando o avançarmos para a etapa seguinte que idealizámos, que é tão só trazer de forma regular e sistemática, grupos de jovens com necessidades especiais das escolas básicas e secundárias do Funchal, em função do interesse de cada escola ou alunos disponíveis para, dando maior dinâmica ao grupo de seis velejadores que já nos acompanha de forma regular.

Todas estas atividades obrigaram sempre a uma análise preliminar face há existência de diversos fatores, que eram variáveis e que tinham que ser equacionados antes de avançarmos. Exemplo disso eram as questões dos transportes terrestres e aéreos, pois tínhamos que reunir condições financeiras, para viajar em aviões que pudessem ter um serviço para utentes em cadeiras de rodas (as *low-cost* nem sempre têm este serviço), da possibilidade de alugar uma viatura que pudesse transportar todo o equipamento, ou até do alojamento em provas fora da Região, pois havia a necessidade de verificar se os alojamentos estavam adaptados a pessoas com necessidades especiais. Outros aspetos têm a ver com o clima e a altura do ano e a capacidade dos desportistas terem os equipamentos, diga-se vestuário apropriado, aos locais onde se desenrolavam as

atividades, a duração das viagens, a alimentação, por forma a estarem adaptados, bem como a possíveis questões médicas de receituário que tivéssemos que aplicar diariamente. Estas situações tinham que ser sempre analisadas de forma a poder participar ou organizar um evento.

Assim, para além de uma comunicação preliminar com as entidades locais ou vistoria do espaço escolhido para qualquer evento, tínhamos que ter em atenção as questões dos transportes terrestre, os transportes das embarcações ou o seu aluguer ou empréstimo, as acessibilidades dos utentes em cadeira de rodas, bem como da maior ou menor facilidade de entrada na água, das questões da segurança e apoio logístico, dos alojamentos e estadas, enfim uma pequena série de situações que tínhamos que preparar, além das questões técnicas e logísticas da organização relativas ao mar. Nos eventos de cariz nacional efetuados, organizados por nós na Madeira, além dos aspetos referidos em termos de organização, tínhamos sempre a preocupação de organizar, para os diferentes dias, um programa social que pudesse de forma não muito intensa permitir aos que nos visitavam, terem oportunidade de conhecer melhor a nossa terra nas suas mais diversas facetas. A grande dificuldade que sempre acompanha eventos desportivos, na nossa ótica, tem a ver com a questão da coordenação que deverá existir entre todas as situações que devemos operacionalizar, e o sucesso só se atinge se essa comunicação e coordenação for permanente, constante e objetiva.

Mas nem tudo foi um “mar de rosas” - houve sempre momentos ou situações de maior ou menor tensão, face a contratemplos, situações não programadas ou inesperadas, o que obrigou sempre a ajustamentos pontuais, como sejam questões horárias, alteração de programas ou percursos devido a questões climáticas, avarias ou danos em embarcações, pouca participação de utentes, etc.

12 – As Atividades – Da organização à Operacionalização

No entanto, sendo este tipo de velejadores pessoas a quem são dadas pela sociedade poucas oportunidades, o sorriso estampado em muitas caras no final das iniciativas eram a maior prova do sucesso, situação que para o grupo de voluntários bastava para que a nossa motivação e empreendedorismo nesta vertente fosse crescendo e mantenha acesa uma vontade imensa de continuar a trabalhar.

Fruto de toda essa motivação, os últimos cinco anos de trabalhos traduziram-se nas participação e organização numa série de iniciativas que se traduziram em:

TIPO DE ATIVIDADES PARTICIPADAS / DESENVOLVIDAS

Quadro 3 – Atividades participadas/desenvolvidas no período de 2008 a 2012

Tipo de Atividade	Atividades	Ano 2008	Ano 2009	Ano 2010	Ano 2011	Ano 2012
Regular	- Saídas de mar semanal	2	3	4	5	3
	- Batismo de mar	Todos os dias	Todos os dias	Todos os dias	Todos os dias	Todos os dias
	- N.º de Saídas Anual	126	200	380	443	252
Social / Cultural	- Passagem de modelos	0	0	0	1	0
	- Concurso de desenho	0	0	0	0	1
	- Venda de Rifas	0	0	0	1	0
Desportiva	- Participação em Torneios regionais de vela	2	2	2	2	4
	- Participação em provas nacionais oficiais e oficiosas	1	2	0	3	0
	- Participação em provas Abertas a nível regional e nacional	6	6	5	5	5
Outra	Conferências	0	1	0	0	1
	Angariação de apoios	0	2	2	3	2
	Projetos e eventos	2	4	3	4	5

13 - Reflexão sobre as Atividades desenvolvidas

A vela adaptada no C.N.F. surge por uma vontade em fazer crescer uma modalidade que, face às oportunidades, não conseguia desenvolver-se muito mais do que até então se tinha desenvolvido. Vimos que o desporto adaptado poderia dar maior visibilidade à modalidade Vela, mas também abrir portas e experiências a uma faixa da população, que nem sempre tem ou teve as devidas oportunidades. O despertar para tudo isto foi crescendo gradualmente com os anos, e os objetivos eram pensados e definidos, de forma a conseguirmos manter a atividade a funcionar de forma contínua e regular. Para tal houve que ultrapassar a barreira dos apoios materiais e humanos, como barcos, guincho ou fundas e até vestuário, situação que foi sempre conseguida, através de ofertas e donativos de privados e do voluntariado de treinadores e outros colaboradores do CNF, mas acima de tudo dos próprios praticantes, que mesmo sem terem barcos adaptados acreditaram que era possível fazer vela inclusiva. Tudo isto se foi tornando uma mais-valia, em termos dos nossos conhecimentos, pois éramos capazes de realizar atividades mesmo sem as condições ideais e sempre em segurança. Com mais e maior conhecimento social e das pessoas envolvidas, bem como do relacionamento a ter com elas, os conhecimentos transmitidos pelos técnicos da educação especial, deram-nos maior e mais à vontade em levar a efeito novas etapas, ganhando com isso maior *know how* em termos técnicos e organizativos. Um maior interesse acaba também por surgir, com o maior conhecimento que passámos a ter das pessoas, e das dificuldades que as mesmas enfrentavam diariamente, bem como com a melhoria dos meios ao dispor. Isto criou novas oportunidades, em termos daquilo que poderíamos fazer, pois sentíamos-nos capazes de aceitar mais utentes, mais organizações ou mais desafios no âmbito do desporto adaptado. Fomos paulatinamente adquirindo informação essencialmente via internet, e através dos técnicos e clubes nacionais, dado que pouco ou quase nada existe

a nível de publicações e em especial na Europa. A nossa evolução em termos de informação passou muito pela consulta de *websites* e troca de informações pessoais e do que víamos na internet, pois esta vertente da vela surgiu na Austrália enquanto na Europa, só nos últimos anos e a pouco e pouco tem surgido alguma informação. A motivação para dotar estes praticantes com meios materiais e aos técnicos, com conhecimentos para melhorar os seus métodos de trabalho possibilitou uma evolução lenta mas ao mesmo tempo motivadora, dado que cada pequena etapa era um enorme passo no desenvolvimento dos nossos praticantes e da própria atividade.

Essencialmente, numa primeira fase, as questões materiais e as acessibilidades quer terrestres quer ao mar condicionaram muito a prática. A implementação desta atividade passou então pela importante condição de adquirir barcos apropriados à atividade, situação que só ocorreu pela ocasião da ida de uma comitiva portuguesa ao Mundial na Austrália em 2003. Aí surgiu uma oportunidade quando o único fabricante mundial se predispôs a oferecer o transporte gratuito para Portugal do mínimo de oito barcos. Nesse momento, vários clubes nacionais uniram-se, entre os quais o CNF, o que nos permitiu aproveitar o momento para fazer a aquisição de dois barcos. Tal situação foi possível graças a vários mecenas que, face ao tipo de atividade e às pessoas a que se destinavam, pessoas com necessidades especiais, desde logo se prontificaram a apoiar essa aquisição. Este passo estava dado. No entanto, com a aquisição dos barcos e com a sensibilização perante as entidades, foram criadas condições mínimas para se poder realizar a VA de forma regular sem contratemplos ou imprevistos, pois conseguimos condições e espaço de acesso ao mar próprios para o efeito. Foi, junto com a Marina do Funchal, disponibilizado um pontão flutuante em São Lázaro e o CNF construiu um guincho manual, para poder embarcar e desembarcar os praticantes em segurança e conforto desejado.

Outras dificuldades foram surgindo, como exemplo, o facto de termos as condições para a prática e não termos técnicos com conhecimentos e experiências suficientes para trabalharem a modalidade da vela com pessoas com necessidades especiais. De facto, era nossa crença que inicialmente o mais importante seria ter alguém que soubesse de vela, e que a questão da relação técnico/velejador se iria esbater com o tempo e com a aprendizagem diária durante a atividade, pois os utentes desta modalidade eram sempre acompanhados por técnicos da então DREER, e estes poderiam nos ajudar nas formas e modelos de interação. Aqui foram adquiridas outras valências que até então não eram possíveis num âmbito estritamente do desporto da vela, pois quer a Federação da modalidade quer a Associação regional não tinham nos seus projetos de formação, conteúdos neste âmbito.

Os meios humanos entre 2008 e 2012 foram surgindo, com a participação de mais técnicos e voluntários, o que permitiu um trabalho mais apurado e sustentado, fazendo com que os objetivos fossem mais ambiciosos em termos da implementação de novos projetos e ideias.

Sentindo que, em termos materiais e humanos, o CNF tinha a qualidade desejada, para a implementação de novos projetos, havia que procurar durante a época de 2008 organizar a estrutura da associação da classe *Access*, de modo a podermos ser reconhecidos a nível nacional pela FPV e, por consequência, a modalidade ter o protagonismo merecido. Os contactos entre os representantes dos clubes, aquando dos esporádicos encontros nacionais, foram mote para avançarmos; no entanto, tudo isso não foi suficiente para grandes avanços de imediato, pois a burocracia em termos da organização da entidade gestora desta classe, diga-se associação da classe *Access*, tinha que estar formalizada e legalmente operacional para que pudéssemos avançar. Estando cientes do momento da modalidade, aproveitou-se um encontro nacional por

coincidência no Funchal em 2009, pela ocasião dum Torneio organizado pelo CNF, para realizar uma conferência e um debate alargado, do rumo a dar à vela adaptada em Portugal. Na época, havia uma Associação Portuguesa de Vela Adaptada (APVA) que estava dividida, e que acabou neste encontro por se esfumar, face à união dos clubes na criação de uma associação que se unisse em volta da classe *Access*. Foram momentos tensos de discussão, pois os precursores deste desporto em Portugal não queriam deixar a modalidade se cingir a uma classe. Mas nesse dia os clubes tinham decidido tomar um rumo, e escolher esta classe *Access* para ser a classe iniciadora em Portugal da vela adaptada. Em outubro de 2009, tenta-se realizar em Penafiel o primeiro nacional da classe, mas as coisas ainda não estavam bem e tal não foi possível, face à ausência do número mínimo de praticantes. Assim, no ano seguinte a Associação Portuguesa da Classe *Access* é reconhecida pela FPV e os *Access* passam a integrar a linha de vela da FPV, e formalmente organiza-se o primeiro Campeonato Nacional da classe *Access* 2.3.

A época de 2009/2010 prometia, depois de tudo o que se tinha conquistado durante o ano de 2009, e a nossa ambição para fazer mais e melhor, e acima de tudo para participar de forma regular nas provas nacionais, eram o mote para um empenhamento redobrado. No entanto, o vinte de fevereiro surge como um dos momentos mais negros da história do CNF, que viu as suas instalações do posto náutico de São Lázaro serem literalmente submersas em lama, numa altura em que a média mensal de saídas ao mar já superava largamente as do ano anterior. Foram dois meses de encerramento em trabalhos de recuperação, sendo que nesta classe os danos foram mínimos contabilizando apenas velas danificadas. Tudo isto inviabilizou os projetos e objetivos da época, mas o trabalho regular diário continuou, preparando a nova época com refrescada vontade e motivação, até porque coincidindo com a preparação da nova época, chegaram quatro novas embarcações, que duplicaram a capacidade de resposta

passando de quatro para oito barcos, bem como permitiu uma maior e melhor evolução dos atletas federados nesta classe que assim passaram a usufruir de mais e melhor material.

Com a crise a bater à porta, com fracos recursos financeiros e poucos apoios institucionais, sendo uma vertente da vela com fraca expressão a nível regional e nacional, o CNF teve que ter engenho para contornar as dificuldades de uma nova época de 2011. Para isso criou um projeto para angariação de fundos de forma a se poder fazer representar nas provas de apuramento nacional e Campeonato Nacional. Assim apareceu o projeto “Vela sem Limites” cujo objetivo era descentralizar a atividade para outros concelhos que não o Funchal, nomeadamente Calheta e Machico, pois tinham acessibilidades ao mar aceitáveis, dando assim maior visibilidade à modalidade e ainda realizar no Centro Comercial Caniço Shopping uma passagem de modelos de angariação de fundos, com a ajuda de manequins profissionais, que colaboraram de forma gratuita e de todos os lojistas, que vendiam bilhetes aos seus clientes para a referida passagem de modelos, e cujo valor revertia na íntegra para este grupo de velejadores.



Figura 9 – Cartaz do projeto de 2011 Vela Sem Limites

A descentralização da atividade para fora do Funchal trouxe mais praticantes, bem como possibilitou maior visibilidade e até mais apoios financeiros de empresas implementadas nessas zonas. Os objetivos propostos foram de forma muito satisfatória alcançados, tendo a passagem de modelos conseguido angariar receitas financeiras suficientes para a participação no Nacional de *Access*, e o clube participou com dois velejadores e dois técnicos na competição. Com este passo, verificou-se mais uma vez que, com vontade e determinação, com objetivos bem definidos, conseguíamos realizar as atividades ao longo do ano, e dar as oportunidades devidas e merecidas, a este núcleo de praticantes.

Com a determinação, vontade e envolvimento dos praticantes que, apesar de todas as dificuldades, mantiveram a assiduidade, com o aumento do número de saídas ao mar registado, fruto da descentralização, que por sua vez permitiu um aumento de praticantes. Desta forma, vimos crescer a modalidade, sendo que os poucos abandonos ocorridos derivaram quase sempre das condições sociais dos praticantes que, sendo a larga maioria deles possuidores de fracos recursos económicos, não permitia a sua regular vinda às instalações do clube, muito por culpa dos transportes que ainda continuam a ser uma dificuldade para o CNF, dado que as carrinhas têm que ser próprias para este tipo de utentes, i.e., adaptadas ao transporte de utentes com deficiência.

O ano de 2012 foi um ano em que esta classe de vela no CNF teve o seu maior incremento e desenvolvimento efetivo, pois apesar da crise económica e financeira o clube abalançou-se no projeto “Farol para a Vida” e participou no Campeonato Nacional de *Access* 2.3, para além da consolidação da realização de atividades fora do Funchal (Calheta e Machico), atividades que constituíram os pontos altos da época.

O projeto “Farol para a Vida”, que implicou uma multidisciplinaridade de atividades, contou com apoio de fundos comunitários no âmbito do desporto adaptado e da assunção da responsabilidade social.

Do clube, enquanto instituição de utilidade pública, visou sensibilizar as instituições públicas e privadas, as famílias, as escolas e o público em geral, para a inclusão social por via do desporto, divulgando as atividades de natação, vela e canoagem adaptadas desenvolvidas pelo CNF, promovendo os princípios de cidadania e de associativismo. Neste projeto, que contou com mais de uma dezena de elementos para a sua implementação, a gestão de todo o processo foi algo complexa, pois obrigou a uma organização de várias pessoas em diferentes frentes para atingir o mesmo fim. A experiência adquirida em termos de gestão em anos anteriores, na organização de grandes eventos, deu-nos o *know how*, para saber que neste tipo de projeto, havia que criar objetivos muito claros, quer em termos do seu planeamento, quer da sua organização, da forma como se deveria dirigir todo o processo, por forma a ter sempre um eficaz controlo de todo o processo até à sua operacionalização. Nada podia falhar, pois o clube poderia perder os fundos para os quais estava a candidatar-se, bem como após a implementação, qualquer falha obrigava à devolução de apoios financeiros, caso as coisas não corressem em conformidade com o planeamento do projeto. Havia que dar passos certos e seguros, na ideia e na ambição deste projeto.

Em termos de planeamento, tivemos que ser muito circunscritos a determinadas tarefas, que sabíamos de antemão que eram possíveis de alcançar, como seja, apenas aceitar realizar batismos de mar para um grupo no máximo de trinta utentes de cada vez, antecipando e prevendo que as coisas tinham que acontecer como queríamos, e não esperar que elas pudessem acontecer. Assim foram contactadas as instituições com quem queríamos trabalhar, e determinamos o número de batismos e utentes com um

grau de fidelização elevado, em termos de garantia de participação. Pensámos ainda que as datas e locais tinham que nos dar garantias que as condições climáticas e de acessibilidades não nos trouxessem surpresas, sendo que em termos de organização estabelecemos relações formais com as diversos CAO de forma a tingir os objetivos e eles saberem antecipadamente que poderiam contar com estas atividades no seu plano anual. Havia então que gerir a candidatura, os formulários, o cronograma de atividades, a parte financeira, a coordenação entre o CNF e as diversas instituições com quem pretendíamos trabalhar, a gestão das reuniões e dos elementos adstritos a este projeto, como sejam a parte da imagem da comunicação e divulgação, a criação, a coordenação de transportes e deslocações, quer de pessoas quer de barcos, a mobilização de pessoas para aglutinar e incentivar nas atividades, a procura dos voluntários, etc.

Um dos aspetos fundamentais desta função foi assegurar que as pessoas certas, com as qualificações certas, estivessem no local e no tempo certos para melhor serem cumpridos os objetivos. Para tal, houve da minha parte enquanto gestor de parte do processo, que motivar e envolver tudo e todos, e acima de tudo criar boas linhas de comunicação, sendo que a motivação era uma das premissas importantes, pois com pessoas não motivadas era difícil fazê-las acreditar que conseguíamos ir mais além. A minha liderança foi pautada num sentido de a mesma ser catalisadora de vontades, tendo uma ação participativa e pouco ou nada autocrática. Para tal, preocupei-me em comunicar para que todo o processo de transferência de informações, ideias, conceitos ou sentimentos, entre pessoas, fosse assimilado e constituísse um objetivo comum, e nunca pontual ou apenas de alguém. Finalmente, fui-me preocupando, verificando e comparando, se entre o que se operacionalizava e o que previamente tínhamos estabelecido, estava a tomar o rumo certo, conforme estabelecido, agindo em eventuais ações corretivas. No fundo procurava, não os culpados, mas sim conduzir à

determinação correta, dos desvios e definir as ações necessárias, de modo a evitar erros futuros.

Para além dos batismos de mar e de piscina, realizámos ainda um concurso de desenho criativo “FAROL PARA A VIDA: VELA, CANOAGEM E NATAÇÃO PARA TODOS” em que participaram onze Centros de Atividades Ocupacionais (CAO) e a Delegação da Madeira da Associação Portuguesa de Deficientes e cujas telas estiveram em exposição em diversos locais. No essencial, houve que, de forma clara, sucinta e concisa, definir o que queríamos para tanta gente e, para esse efeito, criou-se um regulamento que aliviou todo o processo de participação, porque havia que dar importância ao que era importante neste projeto, o mesmo não fazia sentido se tanta gente envolvida não pudesse trocar informação. Para tal, organizou-se no dia oito de julho a Conferência “Desporto Aquático Sem Limites” que trouxe o Secretário de Estado da Juventude e Desporto Dr. Alexandre Mestre na sua visita oficial à Madeira e o Presidente da Federação Portuguesa de Desporto para Deficientes Dr. José Pavoeiro para debater a temática do desporto náutico adaptado e que contou com mais de oito dezenas de participantes. Houve então que gerir outro processo, o da conferência, e isso implicou na gestão dos recursos, dentro de todo o processo em *timings* muito bem definidos, para que se evitassem erros, situação que, modestia à parte, não surgiu.

Em termos da sua evolução, a VA foi ganhando aos poucos o seu espaço a nível regional e nacional, sendo que hoje em dia o CNF dá espaço ao desporto adaptado em mais modalidades que não a vela, sendo isso prova da importância social, que os clubes nos dias de hoje têm enquanto instituições de utilidade pública.

A partir daqui, a conjuntura financeira não permitiu grandes evoluções ou ambições mais alargadas em termos desportivos e mesmo a nível das infraestruturas, o que implicou, institucionalmente, ter uma postura estratégica de envolvimento da totalidade

dos recursos disponíveis, na determinação do rumo a tomar na VA, tendo para o efeito reformulado as políticas gerais para esta modalidade, restringindo a eventos regionais com a diminuição das saídas, face à diminuição da disponibilidade dos transportes. Esta rendibilização dos recursos e da forma de fazer as coisas obrigou-nos a definir programas mais curtos e mais específicos, em termos da prática da VA, executando com a eficiência possível, de forma a termos uma relação de qualidade, quantidade boa, procurando a eficácia, reduzindo os desvios entre o planeado e o realizado, acabando por se traduzir nos objetivos propostos através da efetivação das atividades.

Como referi, outras modalidades foram surgindo como oferta por parte do CNF no âmbito do desporto adaptado. Com o desenrolar dos anos, o CNF foi incorporando mais atividades que não a vela para pessoas com necessidades especiais, traduzindo-se isso na implementação de modalidades como a canoagem e natação. Assim, de forma regular, estas modalidades passaram a ter uma atividade diária e englobando diversas entidades como os Centros de Actividades Ocupacionais da Direcção Regional de Educação e do núcleo regional da Associação Portuguesa de Deficientes, entidades com quem o CNF possui protocolos de parcerias. Mas o clube está sempre de braços abertos para receber mais crianças da Região, sem barreiras nem restrições porque o nosso grande objetivo é a promoção do desporto para todos, garantindo igualdade de oportunidades.

Queria ainda realçar os aspetos positivos de todo este processo, que acaba por ser a afirmação de uma variante de modalidade, para uma faixa muito reduzida da população que, com perseverança e dedicação, consolidou e se afirmou como um desporto tão igual a outro qualquer. No entanto, não há bela sem senão, pois realço como aspetos negativos as questões dos transportes terrestres e os acessos ao mar, que mal pensados e estruturados, inviabilizam atividades que, com poucos recursos financeiros, poderiam

ser uma normalidade no panorama regional.

Em termos futuros e como alternativa ou proposta, a consolidação desta classe que não é mais do que uma classe de formação, poderia ser feita através da evolução natural, com a introdução do *Access 303*, barco que tem um nível de performance e exigência mais elevado, o que com certeza poderia alimentar outras expectativas em termos desportivos e de evolução dos próprios velejadores. Há ainda que manter a vontade de continuar a propiciar as vertentes lúdica e desportiva, através dos batismos de mar, mas também das competições e treinos regulares semanais, além de propiciar, fora do concelho do Funchal, outras iniciativas de modo a termos uma maior e melhor inclusão, com uma premente consciência social do papel que pessoas e instituições têm ou deviam ter nos dias de hoje.

14 - Considerações Finais

Sendo a V.A. um desporto com pouca expressão numérica e uma variante da vela em que felizmente o público-alvo é pouco numeroso, dado se tratar de pessoas portadoras de deficiência, o papel deste trabalho reveste-se um pouco no sentido de dar a conhecer o que foi desenvolvido no CNF, e as etapas percorridas, mas também dar uma perspectiva de como se pode alcançar muitos objectivos.

A prática da atividade física para pessoas portadoras de deficiência tem vindo a ganhar nos dias de hoje cada vez mais protagonismo, face à maior consciência social de inclusão e igualdade de oportunidades. Esta situação permite não só uma melhor qualidade de vida para esta faixa da população, bem como uma maior autonomia daqueles, além da aceitação da deficiência independentemente de que tipo ou grau seja, com maior naturalidade por todos, sendo importante o nosso papel sensibilizador neste âmbito, e de preparação destes utentes como elementos ativos e válidos, preparados para o dia a dia futuro.

A pretendida evolução nesta área passa essencialmente pela obrigação de mudarmos de mentalidade e sabermos aceitar a diferença como algo natural, bem como saber planear e estruturar as prioridades sociais, de modo a conseguirmos colmatar em definitivo questões tão simples como a dos transportes, das acessibilidades, e da inclusão de forma igual e imparcial. Nos dias de hoje, não faz qualquer sentido estar dependente de terceiros para ter acesso a coisas tão elementares como um transporte e ainda mais quando tal situação depende apenas de um bom planeamento financeiro de quem gere essa atividade.

Outra situação que será importante evoluir tem a ver com a formação dos colaboradores e voluntários que, ao trabalharem com este grupo de utentes, devem obrigar-se a uma formação específica, pois os conhecimentos técnicos de velejar são uma parte da

solução. A especificidade de trabalhar com pessoas com necessidades de educação especial implica da nossa parte a preocupação de superar esta área da sua formação, com conteúdos mais objetivos e específicos, salvaguardando um melhor desenvolvimento com conhecimento e segurança.

Antes de terminar queria, apesar de todo o meu envolvimento direto nas atividades do CNF, referir que o clube tem boas condições para a prática dos desportos adaptados, de forma integral e ajustada às necessidades dos dias de hoje, sendo que pode cada vez mais contribuir para a maior e plena inclusão social destes indivíduos. Queria ainda referir que o modelo de desenvolvimento seja ele qual for, nos dias de hoje, está muito dependente dos apoios financeiros, situação que temos que saber contornar, mantendo ou criando um modelo sustentável de prática desportiva e que permita a continuidade a longo prazo de projectos como o do CNF.

15 - Bibliografia

Publicações:

- Carneiro, A. (Trad.) (2005), *Manual de Vela Adaptada*, Federação Portuguesa de Vela.

Lisboa

- Cunha, A (2011), Relatório de Atividades da Vela Adaptada, não publicado, Clube Naval do Funchal

- Correia, R. E. (Trad.) (2007), *1000 Barcos*, Centralivros, Lda, 1.ª edição.

- Fernandes, C e Caires, V. (2004), *50 Anos de História do CNF-1952-2002*, Clube Naval do Funchal. Palmigrafica, Funchal

Fernandes, R.M.; Freitas, A.M.:(2008), *Esporte a Vela e a Educação Física*, Universidade Veiga de Almeida, Campus Cabo Frio, (Brasil) – em <http://www.efdeportes.com/efd102/velaef.htm>(consultado em 3-5-2013)

Lima, A. P; Palmeira, A.P.; (2011), “As boas práticas de inserção social no e pelo desporto” – *Estudo sobre os Atletas Paraolímpicos*, Universidade Fernando Pessoa, Porto.

- Mestre, A e Tal, (2003), *O Desporto para além do Óbvio*, Lisboa, Instituto do Desporto de Portugal (p 55.)

- Peixe, C.; Madureira, J.(2011), *Estudo*, Associação de Desenvolvimento Local da Bairrada e Mondego (Coord.), Multiaveiro, Projetos e Investimentos, Ld.^a Aveiro.

- Rodrigues, D. A. (1983), *Educação Especial – Deficiência Motora*, Universidade Técnica de Lisboa, Instituto Superior de Educação Física.

- Rodrigues, D. (2001), *Educação e Diferença – Valores e Práticas para Uma Educação Inclusiva*, Porto, Porto Editora.

- Silva, M.S. (Trad.,). (2012), *As Regras de Regata à Vela-2013-2016*, Federação Portuguesa de Vela, Lisboa.

- Teixeira, S. (1998), *Gestão das Organizações*, Editora McGraw-Hill de Portugal, lda, Lisboa
- Revista Escolhas N.º 20, “O desporto na Inclusão”, artigo pág. 24 e 25 Entrevista a Salomé Mariovet “Inclusão Social Pelo Desporto” Publicação Trimestral, Outubro 2011, Programa Financiado: Instituto de Segurança Social / Ministério da Educação / IEFP Instituto do Emprego e da Formação profissional, POPH – Programa Operacional do Potencial Humano (QREN /FSE), em http://issuu.com/comunicacaope/docs/revista_escolhas20_web_v2/27 (consultado em 2013-10-08)

Páginas Consultadas:

- <http://www.ancruzeiros.pt/ancnav-vela.html>
- <http://www.clubenaval dofunchal.com/>
- <http://www.cpb.org.br/modalidades/vela/>
- <http://www.disabledsailing.org/>
- <http://www.fpdd.org/main.php>
- <http://www.fpvla.pt/portal/page/portal/FPV>
- <http://www.idesporto.pt/>
- Comité Olímpico Brasileiro, em <http://timebrasil.cob.org.br/esportes/vela>, consultado em 29-04-2013)
- Estrutura de Missão para a extensão da plataforma Continental – Em http://www.emam.com.pt/index.php?option=com_content&task=view&id=174 em [http://pt.wikipedia.org/wiki/Vela_\(desporto\);](http://pt.wikipedia.org/wiki/Vela_(desporto);) e <http://www.fpvla.pt/portal/page/portal/FPV>, (consultado em 29-04-2013)

http://www.missionofportugal.org/mop/index.php?option=com_content&view=article&id=54&Itemid=59 (disponível em 10 Outubro de 2013);

- International Paralympic Committee (IPC): (Comité Paraolímpico Internacional).

Disponível em: www.paralympic.org

- <http://www.parasport.org.uk/page.asp?section=198§ionTitle=History+of+Sailing>

International Foundation for Disabled Sailing (IFDS): (Federação Internacional para a Vela Adaptada)

- <http://www.sailing.org/disabled> – Disponível em : <http://www.sailing.org/167.php>

- International 2.4 Metre Class: (Classe Internacional 2.4 Mr). Disponível em: www.sailingsource.com/24metre

- The Sonar Class Association: (Associação da Classe Sonar). Disponível em: www.sonar.org

- [http://pt.wikipedia.org/wiki/Vela_\(desporto\)](http://pt.wikipedia.org/wiki/Vela_(desporto));

- *Velain* Infopédia; Porto Editora, 2003-2013, em [www: <URL: http://www.infopedia.pt/\\$vela>](http://www.infopedia.pt/$vela). (consultado em 2013-04-29)